EMATER/RS ASCAR

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA,
PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL E IRRIGAÇÃO

Jornal da EMATER

EDITORA GAZETA

A AGRICULTURA FAMILIAR EM DESTAQUE, NUMA PARCERIA ENTRE EMATER/RS-ASCAR E EDITORA GAZETA

EDIÇÃO 31 – SETEMBRO DE 2026

Cleusa Noal Brutti-Emater/RS-Ascar

ESPECIAL: EXPOINTER

Ovelhas no Pampa

A OVINOCULTURA SEGUE COMO UMA DAS MAIS TRADICIONAIS ATIVIDADES DO AGRO GAÚCHO, COM DESTAQUE PARA AS RAÇAS PRODUTORAS DE LÃ.

Páginas 18 e 19

TECNOLOGIA

Adubação via irrigação permite reduzir custos

Página 4

GESTÃO

Plano busca diminuir o risco que vem do clima

Páginas 6, 7 e 8

SILVIPASTORIL

Duas fontes de renda em uma mesma área

Páginas 28 e 29

O futuro se constrói todos os dias


Jurgen Mayhofer/Secom

Há uma verdade que acompanha toda organização comprometida com o desenvolvimento humano e social: nenhuma instituição possui todas as respostas para os desafios do futuro. O que diferencia organizações perenes é a capacidade de aprender, adaptar-se, inovar e permanecer conectadas às transformações da sociedade.

Ao completar 71 anos, a Emater/RS-Ascar reafirma essa vocação. Nossa história é marcada pela construção de uma instituição sólida, respeitada e presente em todo o Rio Grande do Sul, que atravessou diferentes contextos econômicos, sociais, tecnológicos e ambientais sem perder sua essência: servir às famílias rurais e promover o desenvolvimento sustentável.

Essa trajetória é sustentada pela confiança, credibilidade técnica, renovação constante e compromisso com a excelência. São esses valores que nos permitem enfrentar desafios como a produção sustentável de alimentos, as mudanças climáticas e a necessidade de fortalecer a resiliência dos sistemas produtivos.

Diante da diversidade de realidades do Estado, cada região exige soluções específicas, baseadas em conhecimento, pesquisa e inovação. Nesse cenário, a ciência e a Extensão Rural caminham juntas na construção de respostas para um desenvolvimento cada vez mais sustentável.

É esse compromisso que inspira o Jornal da Emater. Mais do que uma publicação, ele representa um espaço de diálogo entre a prática extensionista e a construção coletiva do conhecimento, fortalecendo a qualificação das ações da Emater/RS-Ascar e disseminando experiências transformadoras.

Nossa atuação se consolida pela conexão permanente com agricultores, pecuaristas, pescadores, povos e comunidades tradicionais, cooperativas, organizações da sociedade civil e instituições públicas e de pesquisa. Essa ampla rede de parcerias amplia nossa capacidade de gerar resultados para o meio rural.

Também seguimos investindo em planejamento, gestão, inovação, transformação digital e no desenvolvimento de nossos extensionistas e empregados, pois acreditamos que o conhecimento é um patrimônio estratégico e que pessoas preparadas fazem a diferença.

Sabemos que excelência não é um ponto de chegada, mas um compromisso permanente. Entre os grandes desafios está garantir a sucessão geracional no campo, criando oportunidades, renda, inovação e qualidade de vida para que as novas gerações permaneçam no meio rural.

A Emater/RS-Ascar acredita que o futuro será construído pela união entre conhecimento, cooperação, inovação e compromisso público. É com essa convicção que seguimos honrando nossa história e preparando a Instituição para os desafios das próximas décadas. Boa leitura.

Claudinei Moisés Baldissera
Presidente da Emater/RS

Cuidar do solo é preparar o futuro do campo


Jurgen Mayhofer/Secom

O Rio Grande do Sul viveu nos últimos anos alguns dos períodos mais desafiadores de sua história recente. Enfrentamos estiagens severas, chuvas intensas, enchentes, erosão, perdas de produção e impactos que ultrapassaram os limites das propriedades rurais. Esses acontecimentos nos deixaram uma certeza: precisamos preparar nossa agricultura não apenas para produzir mais, mas para resistir melhor.

Quando falamos em resiliência climática no campo, muitas vezes pensamos em novas tecnologias, sistemas de irrigação, cultivares mais adaptadas ou estruturas de proteção. Todas essas ferramentas são importantes. Mas existe uma infraestrutura fundamental, silenciosa e permanente, que está presente em cada propriedade: o solo.

Um solo bem estruturado, protegido e biologicamente ativo tem maior capacidade de infiltrar e armazenar água, reduzir o impacto das chuvas intensas, diminuir a erosão e sustentar as plantas em períodos de menor disponibilidade hídrica. É uma verdadeira infraestrutura natural de proteção da produção.

Por isso, o manejo adequado do solo precisa deixar de ser visto apenas como uma recomendação técnica e passar a ser compreendido como uma estratégia de gestão de risco climático. Cuidar dos solos é uma questão técnica e social.

Plantio direto bem conduzido, cobertura permanente, rotação e diversificação de culturas, utilização de plantas recuperadoras, manejo da matéria orgânica, redução da compactação e conservação das áreas suscetíveis à erosão são práticas que precisam estar no centro do planejamento das propriedades.

Não existe uma receita única. Cada região, cada propriedade e cada sistema produtivo possui suas particularidades. É justamente por isso que o conhecimento técnico e a assistência continuada são tão importantes.

Nesse processo, a Emater/RS-Ascar tem uma missão estratégica. Nossa Extensão Rural está presente onde as decisões acontecem: junto às famílias rurais, acompanhando suas dificuldades, conhecendo suas potencialidades e construindo soluções que façam sentido para cada realidade. Não basta levar uma tecnologia ao campo. Precisamos construir conhecimento com quem vive o campo.

A resiliência climática não será construída depois que o próximo evento extremo acontecer. Ela precisa ser construída antes. Na escolha de uma cultura, no planejamento de uma rotação, na cobertura que permanece sobre a terra, na conservação de uma encosta, na decisão de proteger a água e, principalmente, na compreensão de que o solo é um patrimônio que precisa ser cuidado para as próximas gerações.

Como instituição de Assistência Técnica e Extensão Rural e Social, temos o compromisso de ajudar o Rio Grande do Sul a transformar as lições dos últimos anos em capacidade de prevenção, adaptação e reconstrução.

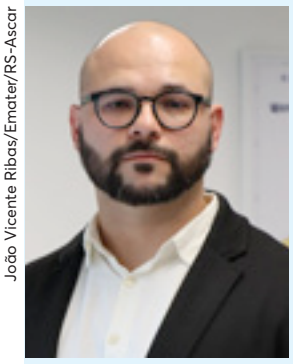
Precisamos olhar para o solo não apenas como o lugar onde plantamos, mas como parte essencial da estratégia de futuro da agricultura gaúcha. Cuidar do solo é conservar água. Conservar água é reduzir riscos. Reduzir riscos é proteger a produção. E proteger a produção é proteger as famílias que vivem e trabalham no campo.

O desafio climático é grande, mas também é grande a capacidade de transformação da nossa agricultura. E acredito que uma parte importante dessa transformação começa com uma mudança de olhar, tendo o solo não apenas como um recurso da produção, e sim como um patrimônio que sustenta a nossa capacidade de produzir, resistir e seguir em frente.

Na Emater/RS-Ascar, queremos estar ao lado das famílias rurais nessa construção. Porque um Rio Grande do Sul mais resiliente começa por propriedades mais preparadas. E propriedades mais preparadas começam por solos vivos, protegidos e bem manejados.

Mateus Rocha – Diretor Técnico da Emater/RS
Superintendente Técnico da Ascar

Gestão administrativa assegura estrutura para atendimento às famílias rurais


João Vicente Ribas/Emater/RS-Ascar

Em uma Instituição que alcança mais de 200 mil famílias rurais, presente em todos os 497 municípios do Rio Grande do Sul, a área administrativa não é apenas um setor de apoio, é o eixo que garante que cada ação de Assistência Técnica e Extensão Rural e Social chegue ao campo com qualidade e impacto real. Transformamos desafios em soluções, antecipamos as necessidades, garantimos a segurança operacional e mantemos viva a capacidade de inovar.

Somos 1.700 colaboradores, coordenados por oito gerências estaduais e doze regionais, capilarizados em nossos escritórios municipais, e a administração assume o papel de organizar, integrar e dar fluidez a um sistema complexo, diverso e essencial para o desenvolvimento rural gaúcho. É ela que assegura que cada técnico tenha condições de atuar, que cada família seja atendida, que cada projeto avance e que cada política pública se transforme em resultado concreto.

Através das Gerências de Administração Patrimonial, Recursos Humanos, Tecnologia da Informação e Financeira, coordenamos processos, otimizamos recursos, fortalecemos infraestrutura, qualificamos equipes e asseguramos que a Instituição opere com responsabilidade e visão de futuro. Sem essa base sólida, não seria possível promover a inclusão produtiva, apoiar cooperativas e associações, ampliar o acesso ao crédito, certificar produtos, estimular a diversificação das propriedades e fortalecer a defesa de direitos no meio rural.

A gestão administrativa é o ponto de equilíbrio entre a complexidade do campo e a necessidade de oferecer respostas rápidas, eficientes e sustentáveis aos desafios que se renovam a cada safra, a cada ciclo produtivo, a cada mudança climática ou econômica. Nesse contexto, a Expointer é mais do que uma grande feira, é um grande palco onde o mundo rural se reconhece, se valoriza e se projeta para o futuro. É o espaço onde a inovação encontra a tradição, onde a bovinocultura mostra sua força, onde cooperativas e produtores se conectam, onde políticas públicas ganham visibilidade e onde a Extensão Rural e Social demonstram, com orgulho, o impacto do seu trabalho. Para uma Instituição que atua em todos os municípios do Estado, estar presente na Expointer é reafirmar seu compromisso com o desenvolvimento rural e a construção de um campo mais forte, sustentável e competitivo. Somos um elo que transforma esforço em resultado, tradição em futuro e desafios em oportunidade, e a Expointer é o cenário onde essa missão se torna visível para todo o País.

Alexandre Durans
Diretor Administrativo da Emater/RS
Superintendente Administrativo da Ascar





Quem faz o Brasil girar, tem com quem contar.

O agro movimenta a economia, os negócios e a vida.
Por isso, o Sicredi está pronto para apoiar produtores de todos os portes e segmentos, com crédito, financiamentos, consórcios, seguros, investimentos e muito mais. E sempre com atendimento próximo e consultivo, que entende a realidade do campo.

Abra sua conta.

Sicredi | ICATU COOPERA

Fertirrigação que transforma lavouras

TECNOLOGIA QUE UNE IRRIGAÇÃO E ADUBAÇÃO AUMENTA A PRODUÇÃO, REDUZ OS CUSTOS E DÁ MAIS SEGURANÇA AOS AGRICULTORES DIANTE DAS VARIAÇÕES CLIMÁTICAS

VANESSA ALMEIDA DE MORAES

Fotos: Vanessa Almeida de Moraes – Divulgação Emater/RS-Ascar



Água no tempo e no volume ideal: no município de Casca, fertiirrigação garante mais produtividade nas lavouras de milho e de outras culturas da família Finco

Em um cenário em que a agricultura convive cada vez mais com as adversidades climáticas e com a necessidade de produzir mais com eficiência, tecnologias capazes de aliar produtividade, economia e sustentabilidade ganham espaço no campo. Em Casca, município localizado ao pé da Serra Gaúcha, uma dessas alternativas tem mudado a realidade de produtores rurais: a fertirrigação.

Há três anos, os agricultores Vitória e João Paulo Finco, da comunidade de Linha Aida Bastian, decidiram investir no sistema após conhecerem a tecnologia por meio da Emater/RS-Ascar, em dias de campo e durante visitas a feiras, como a Expodireto. A escolha foi motivada pela busca por um manejo mais eficiente dos dejetos suínos, economia com fertilizantes e maior estabilidade na produção.

Com mais de 50 anos dedicados à agricultura, o casal cultiva 29 hectares com milho e soja no verão e trigo ou aveia no inverno. Desde a implantação da fertirrigação, os resultados têm sido expressivos, especialmente na cultura do milho. Segundo eles, a produtividade passou de média entre 120 e 150 sacas por hectare para índices que variam entre 220 e 250 sacas por hectare. Além do aumento na produção, os agricultores destacam a melhoria na qualidade dos grãos.

Outro benefício observado foi a redução significativa da mão de obra. De acordo com o casal, o trabalho relacionado ao manejo dos dejetos caiu pela metade. Também houve diminuição no consumo de adubos, já que o sistema permite aplicar os nutrientes exatamente no momento em que a planta necessita. No caso do milho, por exemplo, a fertirrigação possibilita fornecer o fertilizante nitrogenado na fase ideal de desenvolvimento da cultura. Com uma simples mudança na posição de uma válvula, os produtores também conseguem irrigar a lavoura, fornecendo a água necessária para que a planta aproveite melhor a ureia.

Para Vitória, o investimento trouxe mais tranquilidade para o planejamento da propriedade. "Agora a gente pode se programar melhor para passar o ano, porque temos uma garantia da renda, com a estabilidade da produção", afirma. João Paulo recomenda a tecnologia para quem tem condições de implantá-la. "É muito bom", resume.



Família buscava manejo mais eficiente dos dejetos suínos, economia com fertilizantes e maior estabilidade na produção

MANEJO MAIS EFICIENTE

Conforme o engenheiro agrônomo Maurício Dall'Acqua, extensionista rural da Emater/RS-Ascar em Casca, a fertirrigação consiste em utilizar o próprio sistema de irrigação para aplicar fertilizantes na lavoura. Na propriedade da família Finco, a adubação é feita com dejetos suínos. Mas o sistema também pode ser utilizado com fertilizantes minerais diluídos em água.

"Entre as principais vantagens está a possibilidade de realizar aplicações em diferentes fases da cultura, inclusive em momentos em que a entrada de máquinas na lavoura já não seria mais viável", explica. Outro benefício é a facilidade no manejo dos dejetos. Em vez de transportar o material com tratores, o produtor utiliza o próprio sistema para distribuir o fertilizante na área cultivada.

Casca possui entre 50 e 80 hectares utilizando fertirrigação. Embora o investimento inicial seja mais elevado, pela necessidade de tubulações e equipamentos específicos para trabalhar com dejetos, os resultados compensam. "As lavouras irrigadas têm apresentado produtividades acima de 230 sacas por hectare, mesmo em anos de estiagem. Nos últimos anos, tivemos boas safras também nas áreas de sequeiro, mas a irrigação continua apresentando ganhos. Os maiores resultados aparecem justamente quando ocorre falta de chuva", avalia.

O extensionista rural destaca ainda que a tecnologia contribui para reduzir custos, já que o parcelamento da adubação melhora o aproveitamento dos nutrientes pelas plantas. "Com isso, o produtor consegue aumentar a produtividade utilizando a mesma quantidade de fertilizante, tornando a atividade mais eficiente, rentável e preparada para enfrentar os desafios climáticos", destaca.



Lavoura irrigada tem registrado rendimento acima de 230 sacas por hectare

COOPERATIVISMO:
TÁ EM TUDO, TÁ NA EXPOINTER.

Tá no campo, na cidade, nos alimentos que chegam à mesa, no crédito, na saúde, na energia e em tantos outros setores que movimentam o Rio Grande do Sul.

Tá nos negócios que geram valor, na representação que fortalece o setor e, principalmente, nas pessoas que fazem o cooperativismo acontecer.

Venha descobrir tudo o que o cooperativismo faz pelo nosso Estado.

ESCOLHA O COOP.

somos coop

PROCURE POR ESTE CARIMBO

Visite a Casa do Cooperativismo na Expointer.

SistemaOcergs
OCERGS | SESCOOP/RS | ESCOOP



Sem tempo para correr riscos

PLANO DE GESTÃO DE RISCOS EM EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS É ATUALIZADO PELA EMATER/RS-ASCAR

ADRIANE BERTOGLIO RODRIGUES

Fotos: Vanessa Almeida de Moraes – Divulgação Emater/RS-Ascar



Objetivo do plano é contribuir para a adoção antecipada de medidas preventivas e para o fortalecimento da atuação da Instituição junto às famílias rurais

A atuação dos extensionistas rurais da Emater/RS-Ascar antes, durante e após a ocorrência de eventos climáticos extremos tem sido ajustada e reestruturada pelas gerências envolvidas, com a contribuição de profissionais de diversas áreas da Instituição. Nesse momento, pela projeção do *El Niño* para até o início de 2027, extensionistas rurais de todas as regiões do Estado estão em alerta e se preparam para atuar inicialmente em sua proteção e de suas famílias e, concomitantemente, na ajuda às famílias rurais que estejam impactadas por chuvas e alagamentos.

"A lógica da nossa atuação é o acolhimento aos extensionistas atingidos e, dentro das possibilidades e com segurança, inclusive de acesso, atuar junto às comunidades rurais", ressalta o diretor técnico Mateus Soares da Rocha, que coordena o Comitê Institucional de Eventos Climáticos Extremos da Emater/RS-Ascar, ao destacar ainda a realização, pelos extensionistas rurais, do levantamento quantitativo de perdas pelas intempéries, através do SisPerdas.

Para enfrentamento a situações de calamidade, integrantes do Comitê Institucional da Emater/RS-Ascar estão atualizando os procedimentos internos. Dois gerentes estaduais participam do Gabinete Integrado de Gerenciamento de Desastres (Giged) da Defesa Civil do RS. "Eles acompanham e compartilham boletins com mapas e avisos hidrometeorológicos, elaborados diariamente pelo Centro de Monitoramento da Defesa Civil e enviados para todos os escritórios municipais da Emater e, destes, para as famílias rurais atendidas pela Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters), em especial nas áreas com maior potencial de impacto, pois o objetivo é contribuir para a adoção antecipada de medidas preventivas e para fortalecimento da atuação da Instituição junto às famílias rurais", explica Rocha.

ORIENTAÇÕES TÉCNICAS

"Seguimos um fluxograma que inclui o envio do formulário para a realização do levantamento de perdas e ao mesmo tempo discutimos medidas de mitigação dos eventos, repassando orientações de prevenção à leptospirose e de uso do clorador, por exemplo. Também subsidiamos os municípios atingidos na elaboração do decreto de situação de emergência e para a tomada de decisões", observa Luis Bohn, gerente técnico da Emater/RS-Ascar e integrante do Gabinete Integrado da Defesa Civil.

Para Bohn, a Emater/RS-Ascar inova em Sistemas de Georreferenciamento, com as chamadas projeções espaciais, que apresentam mapas de possíveis alagamentos por região. "Queremos antecipar os alertas, sem sermos alarmistas", diz, ao aconselhar que as pessoas tenham a mão, em uma sacola ou mochila, pertences importantes, como documentos, remédios de uso contínuo, água, lanterna e um apito. "Não esperem a água subir para sair de casa", sugere Bohn.

Magda Tonial, gerente de Planejamento da Emater/RS-Ascar, também integra o Gabinete Integrado da Defesa Civil e orienta a todos os extensionistas para terem acesso ao plano de contingência de cada município, onde estão definidas as responsabilidades estabelecidas a cada organização ou entidade local, de forma a conduzir o processo de minimizar impactos e riscos.

"A partir das previsões da Defesa Civil, é possível cancelar atividades com antecedência, evitando deslocamentos que possam resultar em riscos para as pessoas", enfatiza Magda. "É preciso orientar as famílias a se protegerem", ressalta também, ao defender que a informação via Comitê chegue aos assistidos.

Para isso, Luis Bohn reafirma a importância de os extensionistas terem listas de contatos dos agricultores assistidos de todas as comunidades rurais. "Ter contatos nessa hora é tudo. Tenham suporte, com as informações do grupo institucional e da Defesa Civil, e sejam suporte em caso de necessidade", ressalta o gerente técnico da Emater/RS-Ascar.

Outra sugestão importante para os extensionistas e para as famílias assistidas é cadastrar o seu CEP para receber os alertas da Defesa Civil por SMS. Para isso, basta enviar uma mensagem de texto (SMS) com o número do CEP para o destinatário 40199. O serviço é gratuito e ajuda a monitorar riscos de tempestades, alagamentos ou outros eventos climáticos na região em que residem.



Com as informações disponibilizadas, os produtores podem tomar medidas que permitam reduzir perdas em suas culturas

PILAR ESTRATÉGICO PARA SUSTENTABILIDADE: ATUAÇÃO DA EMATER/RS-ASCAR

ANTES DOS EVENTOS CLIMÁTICOS (PREVENÇÃO E PREPARAÇÃO)

- Orientação técnica aos produtores
- Capacitações
- Educação Ambiental
- Planejamento preventivo
- Participação na elaboração de planos municipais
- Monitoramento das condições climáticas
- Apoio às ações da Defesa Civil

DURANTE OS EVENTOS CLIMÁTICOS (RESPOSTA)

- Levantamento de perdas
- Registro de informações no SisPerdas
- Atendimento às famílias rurais
- Orientação técnica emergencial
- Apoio à Defesa Civil
- Apoio ao acesso às políticas públicas
- Apoio às ações de abastecimento

APÓS OS EVENTOS CLIMÁTICOS (RECUPERAÇÃO)

- Elaboração de projetos de recuperação
- Assistência Técnica
- Crédito Rural
- Apoio ao acesso às políticas públicas
- Monitoramento das propriedades atingidas



ATUALIZAÇÃO

A partir da revisão e da atualização, o Diagnóstico Institucional sobre a atuação da Emater/RS-Ascar frente às Adversidades Climáticas vai subsidiar os extensionistas a atuarem nas diferentes perspectivas e necessidades da Instituição, permitindo o aperfeiçoamento dos protocolos institucionais, das estratégias de capacitação e no fortalecimento da atuação integrada frente às adversidades climáticas.



Para não ser pego desprevenido

GEOTECNOLOGIAS AMPLIAM A COMPREENSÃO DOS IMPACTOS DOS EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS

TALINE SCHNEIDER

As mudanças climáticas vêm tornando os eventos extremos cada vez mais frequentes e intensos em diversas partes do mundo. No Rio Grande do Sul, essa realidade ficou evidente durante as enchentes de 2024, que provocaram perdas humanas, prejuízos econômicos e profundas alterações na paisagem. Além das inundações, milhares de áreas foram afetadas por deslizamentos de encostas, processos erosivos, assoreamento de cursos d'água e mudanças significativas no relevo.

"Compreender essas transformações tornou-se mais um desafio para pesquisadores e técnicos da área ambiental. Afinal, conhecer como a paisagem responde a eventos dessa magnitude é fundamental para orientar estudos, monitorar áreas afetadas e subsidiar ações de recuperação ambiental", avalia a extensionista rural Thais Michel.

As previsões climáticas para os próximos meses reforçam ainda mais essa necessidade. A alta probabilidade de ocorrência de um novo episódio de *El Niño* durante o segundo semestre de 2026 pode favorecer períodos de chuvas acima da média na Região Sul do Brasil, aumentando o risco de novos eventos extremos e evidenciando a importância de ferramentas capazes de monitorar e interpretar essas mudanças na paisagem. "Entre essas ferramentas destacam-se as geotecnologias, um conjunto de técnicas que integra drones, sistemas de posicionamento por satélite, fotogrametria, sensoriamento remoto e geoprocessamento para produzir informações espaciais de alta precisão", lista a extensionista.

Fotos: Vanessa Almeida de Moraes – Divulgação Emater/RS-Ascar



Técnicas envolvem drone, sistema de posicionamento por satélite, fotogrametria, sensoriamento remoto e geoprocessamento

Thais explica que, embora muitas pessoas associem os drones apenas à obtenção de fotografias aéreas, sua aplicação técnica vai muito além da captura de imagens. Durante um voo fotogramétrico são registradas centenas ou até milhares de fotografias com elevada sobreposição. "Posteriormente, essas imagens passam por um processamento computacional que identifica pontos em comum entre elas e reconstrói digitalmente toda a superfície da área levantada, gerando modelos tridimensionais extremamente detalhados", ressalta.

Esse processamento permite produzir diferentes produtos geoespaciais, cada um destinado à análise de aspectos específicos da paisagem. Entre eles estão os ortomosaicos georreferenciados, que representam a superfície terrestre com elevada precisão e permitem medições confiáveis de distâncias, áreas e localização; os modelos digitais de superfície, utilizados para representar a topografia e os elementos presentes sobre o terreno; as nuvens de pontos tridimensionais, que reconstroem a estrutura da paisagem em três dimensões; além de mapas de declividade, modelos de relevo sombreado, perfis topográficos e diferentes visualizações tridimensionais do relevo. Esses produtos oferecem diferentes perspectivas da mesma área e, quando analisados em conjunto, permitem compreender sua organização espacial com elevado nível de detalhamento.

IDENTIFICAÇÃO DE DETALHES

A integração dessas informações permite identificar detalhes que dificilmente seriam observados apenas durante uma vistoria em campo. É possível reconhecer pequenas variações do relevo, trajetórias preferenciais do escoamento superficial, áreas sujeitas à concentração de água, diferenças na inclinação das encostas e alterações na cobertura vegetal, fornecendo uma visão muito mais completa da dinâmica da paisagem.

Em regiões afetadas por deslizamentos, por exemplo, os modelos digitais permitem identificar a área de ruptura da encosta, acompanhar o deslocamento dos sedimentos, localizar setores de deposição e compreender como relevo, drenagem e cobertura vegetal interagem durante a evolução desses processos. Da mesma forma, os mapas de declividade e as representações tridimensionais auxiliam na identificação de áreas potencialmente mais suscetíveis à erosão e à instabilidade.

Outra vantagem dessas técnicas é a possibilidade de comparar levantamentos realizados em diferentes momentos. A análise temporal permite acompanhar a regeneração da vegetação, a estabilização de encostas, alterações na drenagem e a evolução dos processos erosivos, produzindo uma base de informações consistente para estudos ambientais e monitoramento da paisagem.

À medida que os eventos climáticos extremos se tornam mais frequentes, as geotecnologias consolidam-se como ferramentas cada vez mais importantes para o monitoramento ambiental. A integração entre aerolevantamentos, fotogrametria, sensoriamento remoto e análise espacial permite transformar imagens em informações técnicas capazes de revelar o comportamento da paisagem com elevado nível de precisão, contribuindo para estudos ambientais, monitoramento territorial e planejamento de ações de conservação e de recuperação de áreas degradadas.



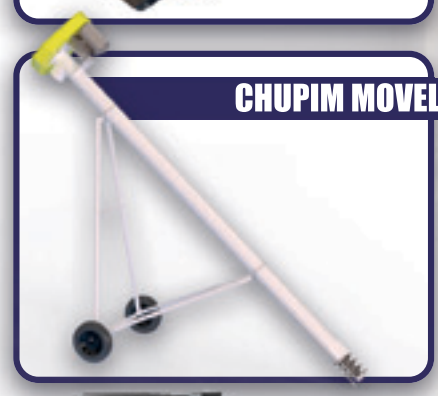
Atenção: imagens permitem avaliar e monitorar ocorrências diversas, como deslizamentos, contribuindo para a prevenção



O trabalho integrado envolve pesquisadores e técnicos da área ambiental

A SOLUÇÃO COMPLETA PARA O PRODUTOR RURAL









TUDO O QUE VOCÊ PRECISA PARA O SEU SILO FUNCIONAR

CONHEÇA NOSSO CATÁLOGO COMPLETO

Na BARON Silos & Secadores, você encontra soluções completas para todas as etapas do armazenamento, secagem e movimentação de grãos, com equipamentos de alta qualidade e projetos desenvolvidos para atender às necessidades da sua propriedade.

MÁQUINAS PARA BENEFICIAMENTO DE GRÃOS E PRODUÇÃO DE RAÇÃO









51 3716-4207

BARON

www.secadoresbaron.com.br

secadoresbaron

Arroio do Meio

Olho sempre atento ao horizonte

ORIENTAÇÕES TÉCNICAS BUSCAM AMENIZAR IMPACTOS PREVISTOS POR CONTA DA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* NO RIO GRANDE DO SUL

ADRIANE BERTOGLIO RODRIGUES

O alerta climático da ocorrência do fenômeno Super *El Niño*, que deve atingir o Rio Grande do Sul de forma mais intensa no período da primavera, provocou a divulgação da Nota Técnica Ações para Mitigação dos Efeitos do *El Niño* 2026/2027 na Agricultura do Sul do Brasil. Este documento foi elaborado pela Embrapa, a partir do Boletim Trimestral de Informações número 78 do Conselho Permanente de Agrometeorologia Aplicada do Estado do RS (Copaaergs), coordenado pela Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi), relativo aos meses de julho, agosto e setembro.

O documento Prognóstico Climático do Copaaergs divulga recomendações técnicas para orientar, a cada trimestre, o planejamento e o manejo das principais atividades agrícolas no Estado, incluindo tendências e variações climáticas, sejam enchentes ou estiagens, baseadas nos dados fornecidos por dez entidades estaduais e federais ligadas à agricultura e à meteorologia, como a Emater/RS-Ascar e o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), e disponibilizadas aos agricultores e entidades do setor primário.

Fotos: Vanessa Almeida de Moraes – Divulgação Emater/RS-Ascar



A enxurrada pode comprometer vias de acesso a localidades e propriedades, e ainda causar prejuízos em plantações

PROJEÇÃO DE FORTE INTENSIDADE

A tendência de um *El Niño* forte a muito forte para a primavera e os primeiros meses de 2027 integra as projeções do Apec Climate Center (APCC), sediado na Coreia do Sul, e que pesquisa clima e mudanças climáticas na região da Ásia-Pacífico. Conforme o documento, os efeitos do *El Niño* incluem chuvas muito acima da média para o Sul do País. Portanto, não se descarta a possibilidade de ocorrência de eventos extremos comumente associados a inundações e enchentes, especialmente na metade Norte do Estado.

Já o alerta climático da Embrapa, com informação oficializada pelo Centro de Previsão Climática da National Oceanic and Atmospheric Administration – ou Administração Oceânica e Atmosférica Nacional (Noaa), dos Estados Unidos) – projeta em 63% a chance de categoria muito forte do *El Niño* para o período entre novembro de 2026 e janeiro de 2027, com "aumento violento e concentrado das precipitações; alta nebulosidade, com restrição drástica de radiação solar, letal para o enchimento de grãos; e anomalia térmica, com temperaturas de inverno acima da média de forma significativa".

A combinação de excesso de chuvas e temperaturas acima da média para o período, caso esse *El Niño* forte se confirme, poderá aumentar a ocorrência de doenças fúngicas, elevando a necessidade de monitoramento fitossanitário e de aplicações preventivas para controle. Por outro lado, a maior nebulosidade e as temperaturas mais elevadas na segunda metade do trimestre tendem a reduzir o risco de ocorrência de geadas tardias, evento que pode causar danos significativos às culturas de inverno e às lavouras perenes da região afetada.

Boas práticas de manejo são essenciais

De acordo com o gerente técnico da Emater/RS-Ascar, Luis Bohn, algumas boas práticas de manejo podem ser adotadas para maximizar o desempenho produtivo dos cultivos de cereais de inverno, minimizar riscos e melhorar a relação custo x benefício em anos que estão presentes restrições econômicas (custo de produção elevado) e climáticas, a exemplo de 2026, com o prognóstico de *El Niño* (chuvas acima da média):

- Planejar os gastos para que a atividade mantenha uma margem de contribuição positiva, mesmo nos piores cenários projetados;
- Escalonar a época de semeadura dos cereais de inverno (com uso da combinação de diferentes cultivares e épocas), respeitando as indicações do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc);
- Evitar fazer investimentos com o propósito de bater recordes de rendimento de grãos em cereais de inverno na safra 2026;
- Realizar o investimento em insumos baseado no potencial de rendimento de grãos permitido pelo ambiente (local e ano) de cada cultivo, ou seja, gastos com insumos devem ser estritamente compatíveis com a realidade climática;
- Superinvestimento em anos de alto risco destrói a margem;
- Aderir a programas públicos ou privados de seguro agrícola para minimizar perdas decorrentes de situações climáticas adversas;
- Adotar cultivares com maior resistência genética a doenças e dar ênfase ao monitoramento de doenças e pragas;
- Fazer rotação de culturas, especialmente para o trigo, semeando esse cereal em áreas que não receberam trigo, triticale, cevada ou centeio no inverno passado, permitindo, com isso, entre outras coisas, a redução de manchas foliares e podridões radiculares.



Além da preocupação com as lavouras, especialistas alertam para a necessidade de planejar o suprimento regular de alimentos para os rebanhos



As equipes técnicas da Emater/RS-Ascar têm atuação destacada no apoio aos produtores em todas as regiões

INDICAÇÕES TÉCNICAS

- Utilizar o manejo outonal como estratégia de cobertura de solos, explorando o outono como oportunidade de reestabelecer/aumentar o acúmulo de matéria seca e melhoria das condições de solo e redução de processos erosivos, é uma das indicações técnicas divulgadas pelo extensionista rural Alencar Paulo Rugeri, ao defender implantar e manter plantas de cobertura para melhoria e recuperação das características físicas, químicas e biológicas do solo e minimizar a perda de solos por erosão. Podem ser utilizadas plantas de cobertura, por exemplo, para período de verão o Milheto e o Capim Sudão, e para manejo de inverno o mix aveia-ervilhaca e nabo forrageiro antes da semeadura do trigo ou para cobertura do solo;

- Recomenda-se utilizar o período de outono para implementar ou realizar a manutenção de terraceamento como ferramenta de proteção contra escorrimento superficial e erosão, bem como melhorar a retenção de água no solo, especialmente em função da probabilidade de que o fenômeno *El Niño* atinja intensidade de moderado a forte no período de primavera/verão;

- Dado o histórico de variabilidade da precipitação pluvial no Estado, como estratégia para minimizar riscos, buscar investir em sistemas de irrigação e especialmente no armazenamento de água no período de outono/inverno, quando a demanda evaporativa da atmosfera é menor, primando por melhor eficiência no armazenamento;

- Consultar a assistência técnica da Emater/RS-Ascar, o Instituto Riograndense do Arroz (Irga), cooperativas e outras para implantação e manejo das culturas, e seguir as indicações técnicas provenientes da pesquisa e da Extensão Rural;

- Para planejamento, manejo e execução das operações agrícolas, consultar os serviços de previsão de tempo e clima (www.inmet.gov.br, www.cptec/inpe.br, https://wp.ufpel.edu.br/cppmet/, https://www.agricultura.rs.gov.br/simagro-rs).

TEM RAIZ
NO CAMPO.
TEM ALCANCE
GLOBAL.
Tabaco é Agro

Do campo para o mundo, o tabaco brasileiro fortalece as comunidades e movimenta a economia, sendo referência em qualidade, produtividade e integridade.



SINDITABACO
Tabaco é Agro

Guideline

O menor impacto sobre os animais

CONFORTO E ALIMENTAÇÃO DOS REBANHOS MERECEM DESTAQUE EM CASO DE ALAGAMENTOS

ADRIANE BERTOGLIO RODRIGUES

Fotos: Vanessa Almeida de Moraes – Divulgação Emater/RS-Ascar



Uma orientação para os produtores rurais é que providenciem estoques de volumosos para suplementar os animais quando o acesso às pastagens for limitado

Em tempos de *El Niño*, com previsão de chuvas intensas até o verão, é preciso manter cuidados e garantir a sobrevivência dos animais de produção, como bovinos e ovinos. A Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters) no Rio Grande do Sul orienta produtores e pecuaristas familiares na conservação do solo, no manejo de pastagens e no fornecimento de volumosos conservados, como silagem, feno e pré-secado, além de proteção.

De acordo com o relatório Boas Práticas na Pecuária Leiteira em anos de *El Niño* no RS – Manejo, prevenção e organização para enfrentar períodos de chuvas intensas, a Aters indica diversas técnicas, como manter o solo sempre coberto com plantas ou resíduos vegetais, adotar plantio direto ou mínimo revolvimento do solo, realizar plantio em nível e contorno, realizar rotação e consórcio de culturas com plantas de serviço, construir e manter curvas de nível e terraços como barreiras físicas para reduzir a erosão, evitar o tráfego de máquinas em solos úmidos, e adotar práticas de manejo que incrementem a infiltração da água no solo. Tudo para evitar a erosão por enxurradas, garantir mais infiltração e armazenamento de água no solo, e reduzir perdas e custos.

No caso das pastagens, é preciso garantir pastos mais produtivos e persistentes, adequando a carga animal, evitando o sobrepastejo e o pisoteio excessivo em áreas encharcadas. Também é recomendado utilizar áreas com pastagens perenes de verão e potreiros como áreas de escape nos períodos de maior umidade do solo; utilizar os plantios visando à manutenção da cobertura de solo, nos períodos com maiores volumes de chuva; e fracionar a adubação de cobertura, para reduzir perdas de fertilizantes. Com maior oferta de alimento para o rebanho, mais produção e rentabilidade.

A conservação de volumosos também é uma prioridade para garantir mais segurança alimentar e econômica dos rebanhos, melhorando seu desempenho e tendo menos perdas e riscos sanitários. Para isso, é preciso ampliar os estoques de volumosos para suplementar os animais quando o acesso às pastagens for limitado; priorizar culturas com maior janela de corte e estar preparado para aproveitar com rapidez os períodos com condições meteorológicas favoráveis; reforçar a compactação e a vedação dos silos e monitorar a ocorrência de fungos e micotoxinas; e posicionar silos de superfície e silos escavados em locais elevados, bem drenados e livres de enxurradas.

"Prevenção e vigilância são fundamentais para garantir a saúde dos rebanhos e criações", alerta o gerente técnico da Emater/RS-Ascar, Luis Bohn.



Animais costumam ser fortemente afetados em épocas de chuvas persistentes

MANEJO NA PECUÁRIA

De acordo com o Boletim Trimestral de Informações número 78 do Conselho Permanente de Agrometeorologia Aplicada do Estado do RS (Copaaergs), é indicado para a pecuária gaúcha:

- Realizar a semeadura de forrageiras de inverno de ciclo longo, anuais ou perenes o mais cedo possível, desde que haja condições de umidade adequada, evitando-se o manejo de solos encharcados;
- Evitar a aplicação de ureia nas forrageiras em dias com previsão de alta precipitação pluviométrica;
- Reduzir a carga animal em pastagens naturais, mantendo uma disponibilidade forrageira de no mínimo 8%;
- Diferir potreiros com pastagens cultivadas de inverno e campo nativo, melhorado com sobressemeadura de espécies hibernais, para permitir o reestabelecimento dessas espécies e acumular forragem para o período hibernal, respeitando uma altura mínima para o pastoreio de 15 a 18 cm;
- Priorizar os melhores campos, diferidos ou cultivados, para as categorias animais em crescimento, como terneiros e terneiras desmamadas, novilhas de primeira-cria e fêmeas gestantes;
- Utilizar sistemas sustentáveis, como a Integração Lavoura-Pecuária, para novilhos em terminação, visando melhorar a produtividade do rebanho;
- Os produtores rurais devem ficar atentos ao manejo dos animais nas estações de transição, como o outono, para adotar medidas que incluem fornecimento de sombra, ventilação e dieta adequadas, e monitorar, com frequência, o rebanho para evitar prejuízos econômicos, devido ao estresse térmico.

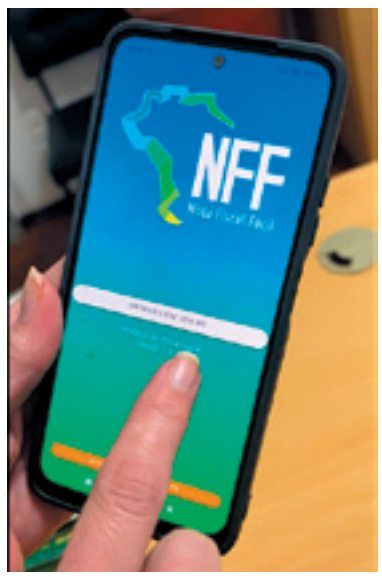
Novos tempos com a NFE

NOTA FISCAL ELETRÔNICA: PORTA PARA ACESSO A DIREITOS E ATENDIMENTO DE DEVERES DO PRODUTOR RURAL

DEISE A. FROELICH

A emissão da Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) passou a fazer parte da rotina de todos os produtores rurais gaúchos. O instrumento surge como forma de ampliação da segurança e agilidade das operações. Desde o dia 1º de maio de 2026, encerram-se os prazos que ainda permitiam a utilização do tradicional bloco de notas em papel, tornando obrigatória a emissão do documento neste formato. Um aplicativo gratuito está entre as alternativas disponíveis para facilitar a emissão.

A mudança está prevista no Decreto Estadual nº 57.933, de 24 de dezembro de 2024, e moderniza o processo de documentação das operações realizadas. Na prática, a alteração está principalmente na ferramenta utilizada: passa-se do papel ao eletrônico. "O regramento que levava à emissão da nota é o mesmo, o que muda é a ferramenta", explica o contador da Emater/RS-Ascar Roberto Ferreira.



Mais do que o atendimento de deveres, a Nota Fiscal Eletrônica abre portas para o acesso a direitos. Além de configurar maior transparência às operações comerciais e ao transporte de produtos agropecuários, o documento também representa uma forma de comprovar as operações e a renda do produtor. Essas informações contribuem para o acesso ao crédito e para o reconhecimento de direitos previdenciários, além de assegurar a regularidade fiscal das atividades.

A emissão da nota também fortalece a chamada cidadania fiscal, ao permitir o correto registro das operações e o recolhimento dos tributos quando devido. Para consumidores e parceiros comerciais, a documentação fiscal é uma forma de conferir maior credibilidade e segurança às transações.

COMO EMITIR A NOTA

Uma das alternativas aos produtores é o aplicativo Nota Fiscal Fácil (NFF), disponibilizado gratuitamente para download em celulares. "Em vez de utilizarmos o bloco em papel, hoje utilizamos aplicativo no nosso telefone. O Nota Fiscal Fácil, que substitui o bloco, pode ser baixado tanto na Play Store como na App Store", diz Ferreira.

Além do aplicativo oficial, o produtor pode utilizar ferramentas disponibilizadas por empresas, cooperativas e cerealistas de sua confiança e com as quais mantém relações comerciais. Segundo o contador, os documentos emitidos por essas plataformas possuem o mesmo valor legal, desde que estejam de acordo com as regras fiscais vigentes. "Algumas empresas desenvolveram aplicativos mais específicos para os produtos com os quais trabalham. Já o Nota Fiscal Fácil se propõe a emitir nota de todos os produtos que o produtor precise movimentar e documentar na propriedade", esclarece.

VANTAGENS

A emissão eletrônica não se limita às operações de comercialização da produção. O sistema permite registrar diferentes situações relacionadas à movimentação de produtos e bens. "Desde a produção, como soja, milho e trigo, até maquinário, que muitas vezes o produtor precisa transportar de um lugar para outro, é preciso fazer nota de todos esses processos", explica o contador da Emater/RS-Ascar.

Entre as possibilidades disponíveis no Nota Fiscal Fácil estão as notas relacionadas à venda de produtos, remessa para depósito e operações de transporte e deslocamento de mercadorias.

O aplicativo conta com recursos que facilitam a rotina do produtor, como cadastro de clientes e produtos e menu de relatórios. As informações relacionadas à tributação dos produtos são gerenciadas pelo próprio Estado.

Mais do que exigência legal, a nota fiscal pode ser instrumento de segurança para o produtor. O documento formaliza a venda e o transporte de produtos agropecuários, comprova operações realizadas e contribui para organização financeira da propriedade.

A adoção do sistema eletrônico busca, portanto, tornar mais simples e seguro um procedimento que já fazia parte da atividade rural. Para quem ainda não utiliza a ferramenta, a orientação é buscar informações e realizar o cadastro necessário para evitar dificuldades na emissão dos documentos.



A saúde vem da horta

SAIBA MAIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA CONSUMO DA FAMÍLIA

DEISE A. FROELICH

A produção de alimentos para autoconsumo continua sendo uma das maiores riquezas da agricultura familiar, embora essa importância passe, por vezes, desapercebida. Muito além de abastecer a mesa das famílias, ela representa economia, autonomia, qualidade de vida, preservação da cultura e valorização dos conhecimentos construídos ao longo das gerações.

A autossuficiência alimentar consiste na capacidade de produzir, na própria propriedade, alimentos em quantidade e diversidade suficientes para atender às necessidades da família, com redução da dependência das compras externas. Na agricultura familiar, essa realidade é bastante presente, especialmente por meio das hortas domésticas, dos pomares e da criação de pequenos animais destinados ao consumo da própria família.

IDENTIDADE, CULTURA E AUTOESTIMA

A produção de alimentos para autoconsumo faz parte da identidade da agricultura familiar na região de Santa Rosa, cujas raízes estão ligadas à produção de subsistência. Mais do que uma forma de garantir alimento, cultivar a própria horta e o pomar significa preservar saberes e vínculos que perpassam gerações.

Exemplo disso pode ser observado na propriedade da agricultora Marceli Schroeder, na comunidade de Corredeiras, interior de Novo Machado, onde mora com o pai, o esposo e o filho. Também a filha, que atualmente cursa graduação em outro município, mantém o vínculo com a propriedade e participa da rotina da família sempre que possível.

Marceli conta que sua relação com a produção de alimentos começou ainda na infância. "Sempre tivemos que plantar aquilo que comíamos. Além de ser mais gostoso, a gente sabe como foi produzido e evita consumir alimentos com tanto veneno. O que a gente produz sempre é melhor", afirma.

O hábito de produzir para o consumo da família permanece até hoje. Além de atender às suas necessidades, a produção excedente gera renda complementar à principal atividade da propriedade, o cultivo de tabaco. "Sempre foi nosso hábito plantar a própria salada, frutas, melancia, melão, tomate e pepino. E o que é produzido a mais, a gente vende", relata.

A diversidade colore a propriedade. Melancia, batata, melão, chuchu, repolho, beterraba, mandioca, moranga, abóbora, cenoura, laranja, pimentão, tomate, pêssego, ameixa, além de carnes, ovos e diversas outras culturas sazonais enchem a horta e o pomar e, consequentemente, abastecem a mesa durante o ano inteiro.

A valorização da produção para autoconsumo também fortalece a autoestima das famílias agricultoras. Ao reconhecer a riqueza existente dentro da própria propriedade, os agricultores passam a perceber que produzem muito mais do que mercadorias: contribuem com a segurança alimentar, saúde, cultura e qualidade de vida. "É uma coisa que eu gosto, faz parte do meu sangue ver as plantas bonitas. Quando eu não consigo fazer tudo, minha família ajuda", afirma Marceli.

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



A produção de alimentos para autoconsumo faz parte da identidade da agricultura familiar na região de Santa Rosa



Para as famílias, cultivar a própria horta e o pomar significa preservar saberes e vínculos que perpassam gerações

Ganhos em economia e nutrição

Além da autonomia alcançada com a variedade de alimentos disponíveis, os benefícios aparecem diretamente no orçamento familiar. A extensionista rural da Emater/RS-Ascar Luciele Boiczuk ressalta que os resultados do levantamento da representação econômica da produção destinada ao autoconsumo revelam sua importância: dos R$ 4.908,85 que seriam necessários mensalmente para a alimentação da família, R$ 4.358,02 correspondem aos alimentos produzidos na própria propriedade. Isso significa que a família produz cerca de 89% do que consome.

Marceli destaca que a economia e a saúde estão entre os principais motivadores da produção. "A gente poupa muito. Boa parte da renda que seria destinada para comprar alimentos fica na propriedade porque nós mesmos produzimos. Além da economia, optamos por produzir de forma mais natural, pensando na saúde da nossa família", comenta.

Os benefícios transcendem as finanças. Na horta e no pomar da família Schroeder, o manejo predominantemente orgânico contribui para a oferta de alimentos mais saudáveis e para preservar os recursos naturais.

Vocação da agricultura familiar, a produção de alimentos contribui também com a sociedade, quando produzido de forma saudável e ética. Pode trazer benefícios à promoção da saúde pública, da cidadania alimentar, da preservação ambiental e da manutenção da identidade cultural inerente à história das comunidades.



Produção de alimentos na agricultura familiar pode trazer benefícios à promoção da saúde pública e à cidadania alimentar

Rastreabilidade: garantia de qualidade e segurança

A RASTREABILIDADE DE PRODUTOS VEGETAIS FRESCOS É UMA SÉRIE DE PROCEDIMENTOS QUE PERMITE IDENTIFICAR A ORIGEM E ACOMPANHAR A MOVIMENTAÇÃO DE UM PRODUTO AO LONGO DE TODA A CADEIA PRODUTIVA

MARCELA BUZATTO

A rastreabilidade de produtos vegetais frescos está regulamentada pela Instrução Normativa Conjunta nº 2, do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), de 07 de fevereiro de 2018, e institui a necessidade dos produtores, atravessadores, supermercados e outros membros da cadeia produtiva dos vegetais frescos – frutas, folhosas, legumes, raízes, tubérculos – utilizados para consumo humano, de garantir a rastreabilidade destes produtos. Esse é um dos pilares da segurança alimentar no Brasil.

Na prática, isso permite saber quem produziu o alimento, onde foi produzido, quais insumos foram utilizados e por onde o produto passou até chegar ao consumidor. "A rastreabilidade de produtos vegetais frescos no RS é um conjunto de procedimentos obrigatórios e que são orientados pela Emater para identificar a origem e o caminho do alimento. É como um histórico do alimento. Ela serve para monitorar o uso de defensivos agrícolas, garantir a segurança alimentar e facilitar o controle de lotes, desde o plantio até o consumidor final", explicou o coordenador regional de manejo de recursos naturais da Emater/RS-Ascar, Carlos Roberto Olczevski.

Fotos: Divulgação Emater/RS-Ascar



O SisRast pode ser acessado através do site institucional da Emater/RS-Ascar

A rastreabilidade deve existir em todas as etapas da cadeia produtiva e todos os envolvidos – produtor, distribuidor, varejo – são responsáveis pelas informações. O registro reúne dados com a identificação do produtor, local de produção, data de colheita, insumos utilizados e movimentação do produto. A identificação nas embalagens, que permite o acesso a esses dados, pode ser feita com etiqueta, código de barras ou QR Code.



Para auxiliar o produtor rural a cumprir com essa exigência, a Emater/RS-Ascar, além de prestar assistência técnica durante todo o processo de produção, criou o Sistema Informatizado de Rastreabilidade Vegetal (SisRast), uma ferramenta totalmente gratuita que permite aos produtores fazerem o cadastro dos produtos vegetais frescos, garantindo a rastreabilidade.

"O objetivo da rastreabilidade é realizar o monitoramento e controle de resíduos de agrotóxicos, ao longo da cadeia produtiva de produtos vegetais frescos destinados à alimentação humana. Ao todo, são 88 tipos de vegetais frescos que se enquadram nas instruções normativas, entre frutas, raízes, tubérculos, bulbos, hortaliças folhosas, ervas aromáticas frescas, além de hortaliças não folhosas", completou Olczevski.

Nos municípios da região Norte do Estado, especialmente os produtores rurais que comercializam seus produtos em outros estados, como por exemplo em Santa Catarina, estão utilizando essa ferramenta gratuita disponibilizada pela Emater/RS-Ascar, conseguindo cumprir com a obrigatoriedade da legislação e também garantindo a qualidade dos alimentos comercializados à população. No município de Liberato Salzano, na propriedade dos irmãos Marcos e Renato Zaffari, a rastreabilidade das frutas faz parte do cotidiano da atividade. Orientados pela Emater/RS-Ascar, os produtores conseguem fazer a rastreabilidade da uva e da ameixa, cumprindo com as exigências para a venda desses alimentos.



O valor da inclusão produtiva

FAMÍLIAS RURAIS TÊM ACESSO A DIREITOS SOCIAIS POR MEIO DE ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL

JOÃO VICENTE RIBAS

Entre a serra e o mar, a família de Renata Atanásio Volgemuth vive há dez anos no município de Glorinha. Logo que se mudaram da capital para a localidade de Boa Vista, enfrentaram vulnerabilidades econômicas e sociais.

A família é composta por Renata, seu marido Rogério e duas filhas, hoje com dez e seis anos. Começaram plantando aipim, milho e hortaliças. "Com o passar do tempo tivemos alguns problemas nas entressafras, período que fica sem ter renda das plantações", relata a agricultora. Na chegada das chuvas de inverno, o solo fica encharcado e perdem tudo. Por isso, procuraram uma renda mais estável, considerando que seu sustento é totalmente do campo.

Em 2024, Renata foi uma das 12 mulheres do município Glorinha contempladas com o programa Fomento. A extensionista rural social da Emater/RS-Ascar Liane Ester Diedrich acompanha a família e fez o diagnóstico da propriedade na época, quando demonstraram interesse na criação de galinhas poedeiras.

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



Criação de galinhas poedeiras foi a atividade que a família de Renata Volgemuth (esq) adotou como fonte de renda

Na propriedade havia um galpão sem condições favoráveis. Com assistência na elaboração do projeto produtivo, Renata fez a reforma, fechou as laterais, comprou tela e todos os equipamentos necessários para iniciar essa atividade, com um lote inicial de 200 pintos. "Em função de todo o interesse que eles têm, o projeto vingou muito bem", relata Liane.

Foi um divisor de águas para a família. "Com esse projeto, pudemos mudar a situação de instabilidade do campo só com plantações para algo mais estável, a venda de ovos caipiras e consumo para minha família. Hoje tenho 500 galinhas. Mantenho minha família com a venda dos ovos e a plantação ficou como um *plus*, não mais como a renda principal. Amamos o que temos, o contato com a natureza e a vida mais saudável. Nossas galinhas são totalmente saudáveis, soltas, com alimentação natural, pastos, frutos, bananeiras e rações feitas aqui por nós", orgulha-se.

Atualmente, Renata tem clientes certos para fazer a entrega dos ovos em Glorinha. Mas a produção segue crescendo e a produtora precisará expandir o mercado. A solução agora passa pela legalização de uma agroindústria própria, permitindo a venda em outros municípios. A Emater/RS-Ascar também presta assistência nesta parte, auxiliando a família a se estabilizar em uma condição de vida melhor.

Uma rede de proteção social

Famílias como a de Renata enfrentam vulnerabilidades específicas, muitas vezes agravadas pelas características do território rural. Além do isolamento geográfico, outras dificuldades decorrem da mobilidade restrita e do acesso limitado aos serviços públicos, como a pobreza, a insegurança alimentar, a precarização das condições de trabalho, o envelhecimento da população rural, as desigualdades de gênero e a violência doméstica.

As barreiras enfrentadas por povos e comunidades tradicionais e os impactos de eventos climáticos extremos também constituem fatores que podem comprometer a garantia da proteção social e o exercício da cidadania.

Nesse contexto, um conjunto de entidades da rede socioassistencial e a Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters) busca reconhecer essas especificidades, contribuindo de forma articulada para que as políticas públicas alcancem efetivamente as populações do campo.

A inclusão das famílias rurais no Sistema Único de Assistência Social (Suas) é fundamental para que possam acessar seus direitos. A assessora de assistência social da Emater/RS-Ascar Isolete Bacca atua na articulação intersetorial, promovendo a aproximação entre as famílias, os serviços, os programas, os benefícios e as demais oportunidades disponibilizadas pelo Estado. "Nesse processo, a instituição contribui para a identificação das demandas sociais, o encaminhamento qualificado às redes de proteção e o fortalecimento da atuação conjunta entre assistência social, saúde, educação, agricultura, previdência social, habitação e demais setores essenciais ao desenvolvimento humano", afirma.

Entre as principais demandas das famílias destacam-se a orientação para acesso ao Cadastro Único, aos benefícios socioassistenciais e previdenciários, o fortalecimento da participação social, o assessoramento a grupos e organizações comunitárias, a promoção da inclusão socioprodutiva, a organização de ações coletivas voltadas à geração de renda, ao cooperativismo e ao associativismo, o fortalecimento da autonomia das mulheres rurais, a valorização da juventude, o apoio às pessoas idosas e às populações tradicionais, além da educação para o acesso a direitos.

Isolete observa que, com o apoio necessário, é possível ampliar as capacidades das famílias, fortalecer vínculos familiares e comunitários, reduzir vulnerabilidades e promover processos de emancipação social, econômica e cidadã.



O programa Fomento viabilizou a diversificação no município de Glorinha



Alternativa: hoje, a propriedade conta com 500 galinhas, com venda dos ovos

Melhoria das condições de vida

A história da Emater/RS-Ascar está diretamente vinculada à assistência social no Rio Grande do Sul. A Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Ascar), criada em 2 de junho de 1955, nasceu como uma entidade de assistência social, com a finalidade de promover o desenvolvimento das famílias rurais.

"Desde sua origem, sua missão ultrapassa a transferência de tecnologias agropecuárias, incorporando o compromisso com a promoção humana, a melhoria das condições de vida, a organização comunitária e o acesso aos direitos", afirma Isolete.

Uma consequência do reconhecimento da atuação preponderante da Emater/RS-Ascar no âmbito da política de assistência social está na certificação como Entidade Beneficente de Assistência Social (Cebas). Trata-se de um benefício concedido pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) às entidades que comprovam o atendimento aos requisitos legais e desenvolvem, de forma contínua, ações de assessoramento, defesa e garantia de direitos, em articulação com a rede socioassistencial.

"O Cebas não representa a finalidade da atuação institucional, mas o reconhecimento da relevância do trabalho desenvolvido em rede, da integração com o Suas e da contribuição efetiva para a promoção da proteção social, especialmente no meio rural", conclui a assessora.

EMATER/RS ASCAR

ESPECIAL – RECEITAS EMATER

EDITORA GAZETA

ALIMENTOS DELICIOSOS E NUTRITIVOS

O *JORNAL DA EMATER – ESPECIAL EXPOINTER 2026* TRAZ DICAS DE PRATOS SALGADOS E DOCES QUE PODEM SER APRECIADOS DURANTE OS DIAS DO MAIOR EVENTO DO AGRO NO ESTADO E TAMBÉM SER FEITOS EM CASA, COM PRATICIDADE, PARA TODA A FAMÍLIA!

COZINHA SHOW – EXPOINTER 2026*

* O que está em negrito são ingredientes encontrados no Pavilhão da Agricultura Familiar.

Pão de queijo de gabiroba

Adaptado de @iranyarteche



INGREDIENTES

- **2 xícaras (chá) de polvilho azedo – 300 g**
- **1 e 2/3 de xícara (chá) de polpa de gabiroba – 200 g**
- **¼ de xícara (chá) de azeite ou óleo – 30 ml**
- **1 ovo – 50 g**
- **½ xícara (chá) de queijo colonial ralado – 50 g**
- **1 colher (chá) de sal temperado – 5 g**

MODO DE PREPARO

- 1º - Misture todos os ingredientes até ficar uma massa homogênea, que não grude nas mãos.
- 2º - Faça bolinhas, coloque numa forma untada e leve para assar no forno em temperatura média até dourar, por aproximadamente 20 minutos.

Dicas: caso a polpa for muito diluída, ajustar o ponto com mais quantidade de polvilho. Podem ser utilizadas outras polpas de frutas nativas, como suco de ora-pro-nóbis ou de outras folhas, água do cozimento de beterraba ou de outros legumes com cor. Também podem ser acrescentados temperos secos, como orégano, tomilho, salsa, cebolinha, alecrim.

Tempo de preparo: 40 minutos.

Rendimento: 30 unidades.

Pasta de ricota e cebola caramelizada com cerveja

Adaptado de Panelinha



INGREDIENTES

- **2 cebolas – 280 g**
- **2 colheres (sopa) de manteiga – 24 g**
- **Sal temperado e pimenta-caiena a gosto**
- **1 pitada de açúcar mascavo – 2 g**
- **½ de xícara (chá) de cerveja – 50 ml**
- **1 xícara (chá) de ricota – 100 g**
- **6 colheres (sopa) de nata – 90 g**

MODO DE PREPARO

- 1º - Descasque e corte as cebolas em meias-luas finas.
- 2º - Coloque a manteiga numa frigideira e leve ao fogo médio. Quando derreter, junte as cebolas, tempere com uma pitada de sal e de açúcar e deixe cozinhar, mexendo de vez em quando, até ficar bem dourada (cerca de 30 minutos).
- 3º - Regue com a cerveja e deixe cozinhar por 2 minutos, mexendo de vez em quando, até a cebola absorver o líquido. Tempere com a pimenta-caiena e misture bem. Reserve 1 colher (sopa) da cebola caramelizada para a decoração.
- 4º - Numa tigela, misture bem a ricota com a nata e a cebola caramelizada, ajuste o sal, decore com a cebola caramelizada e deixe esfriar.

Dicas: sirva com chips de aipim, de inhame ou de batata-doce roxa, ou com pão colonial ou biscoitos salgados e uma folha de manjericão.

Tempo de preparo: 30 minutos.

Rendimento: 1 cumbuca média.

Peixe na crosta de pequi e polenta com cúrcuma

Equipe Cozinha Show

INGREDIENTES PARA O PEIXE NA CROSTA

2 e ½ pedaços de filé de peixe (sugestão: tilápia, pescada, traíra, robalo) – 400 g
3 colheres (cafezinho) de sal temperado – 3 g
1 xícara (chá) de pão amanhecido e ralado grosso – 100 g
1 xícara (chá) de farofa de pequi – 100 g
3 colheres (sopa) de hortelã picada – 3 g
½ xícara (chá) de farinha de trigo ou farinha de arroz – 50 g
1 ovo batido – 50 g

MODO DE PREPARO

1º- Corte os filés em pedaços pequenos e tempere com o sal. Reserve.

2º- Num recipiente separado, misture o pão, a farofa de pequi e a hortelã. Reserve.

3º- Passe os filés na farinha de trigo, depois no ovo batido e, por último, na farofa.

4º- Preaqueça o forno a 200 °C, distribua o peixe numa forma untada e leve para assar por 15 minutos ou até dourar.

INGREDIENTES PARA A POLENTA

1 xícara (chá) de farinha de milho - 100 g
5 xícaras (chá) de água – 750 ml
½ colher (chá) de cúrcuma em pó – 3 g
1 colher (sopa) rasa de sal temperado – 10 g

MODO DE PREPARO

1º - Coloque a água para aquecer numa panela.

2º - Quando estiver levantando fervura, acrescente aos poucos a farinha de milho, sempre mexendo até dissolver bem e ficar homogênea.

3º - Deixe cozinhar em fogo baixo, mexendo de vez em quando, por aproximadamente 30 minutos.

4º - Quando estiver quase cozida, acrescente a cúrcuma e o sal diluídos em um pouco de água e deixe cozinhar por mais 2 minutos.

Montagem do prato: coloque uma porção de polenta num prato fundo e dois pedaços de peixe por cima. Enfeite com alecrim, salsa ou manjericão.

Dicas: caso não encontre a farofa de pequi, pode ser feita uma farofa com farinha de mandioca, manteiga e polpa de butiá ou de outra fruta nativa e temperos de sua preferência.

Tempo de preparo: 1 h. **Rendimento:** 8 porções.



Risoto de beterraba com bacon e queijo de cabra

Adaptado de @distintagastronomia

INGREDIENTES

- **3 colheres (sopa) de bacon picado - 36 g**
- **2 colheres (sopa) de manteiga - 24 g**
- **½ cebola picada - 70 g**
- **1 xícara (chá) de arroz arbóreo - 150 g**
- **½ xícara (chá) de vinho branco - 75 ml**
- **1 litro de caldo de legumes**
- **1 beterraba cozida e batida - 140 g**
- **2/3 de xícara (chá) de queijo de cabra (ovelha ou colonial) - 100 g**
- **1 pitada de sal temperado - 1 g**

MODO DE PREPARO

- 1° - Refogue o bacon com metade da manteiga numa panela. Retire da frigideira e reserve.
- 2° - Na mesma panela, refogue a cebola, adicione o arroz e depois o vinho.
- 3° - Quando secar o vinho, adicione o caldo aos poucos, mexendo sempre.
- 4° - Quando estiver cremoso, acrescente a beterraba e misture bem.
- 5° - Finalize com o restante da manteiga, o bacon e o queijo de cabra e misture.

Dicas: pode ser congelada a base do risoto preparada até a etapa de adicionar o vinho, deixando o arroz al dente. Na hora de utilizar, retirar do freezer, descongelar e finalizar antes de servir.

Tempo de preparo: 30 minutos.

Rendimento: 8 porções.



Pizza de batata-doce

Arquivos Emater/RS-Ascar

INGREDIENTES

- **1 ovo – 50 g**
- **2 colheres (sopa) de farinha de aveia – 20 g**
- **1 colher (sopa) de gergelim tostado – 10 g**
- **2 colheres (sopa) de azeite de oliva – 20 g**
- **1 batata-doce média – 160 g**
- **1 colher (chá) rasa de sal temperado – 5 g**
- **Pimenta a gosto**
- **Óleo para untar**
- **1 xícara (chá) de molho de tomate para cobertura – 140 g**

MODO DE PREPARO

1°- Bata o ovo com um fuê e misture a farinha de aveia, o gergelim e o azeite de oliva.

2° - Lave, descasque a batata-doce, rale no ralador fino e incorpore à massa.

3° - Acrescente o sal e a pimenta a gosto.

4° - Preaqueça o forno a 200 °C, unte uma assadeira para pizza, distribua em pequenos discos finos (0,5 cm) e pré-asse por 10 minutos.

5°- Coloque o molho de tomate e a cobertura de sua preferência e retorne ao forno até derreter o queijo.

Sugestões de cobertura: queijo colonial, tomate e manjericão; mix de legumes em conserva e queijo; salame/copa e queijo.

Dicas: pode-se substituir a farinha de aveia por outras farinhas ou mix de farinhas. A massa pode ser feita num único disco de pizza grande, ou com tapete de silicone culinário, sem untar, no lugar da assadeira.

Tempo de preparo: 40 minutos.

Rendimento: 12 unidades pequenas.



Torta de peixe

Adaptado de @somosprovaria

INGREDIENTES PARA A MASSA

- **1 e ½ xícara (chá) de farinha de arroz – 150 g**
- **½ xícara (chá) de amido/farinha de milho – 50 g**
- **7 colheres (sopa) de azeite de oliva – 42 g**
- **2 ovos – 100 g**
- **1 pitada de sal temperado – 1 g**
- **2 colheres (sopa) de água (se necessário) – 20 ml**

MODO DE PREPARO:

coloque todos os ingredientes em um bowl e misture até desgrudar das mãos.

INGREDIENTES PARA O RECHEIO

- **½ cebola picada – 70 g**
- **2 colheres (sopa) de azeite de oliva – 20 g**
- **¼ de xícara (chá) de vinho branco seco – 35 ml**
- **¼ de xícara (chá) de água – 35 ml**
- **2 colheres (sopa) de tempero verde – 2 g**
- **2 colheres (chá) de sal temperado – 4 g**
- **2 e ½ pedaços de filé de peixe (sugestão: tilápia, pescada, traíra, robalo) – 400 g**
- **½ xícara (chá) de milho em conserva escorrido ou outros legumes de sua preferência - 85 g**
- **2 colheres (sopa) de azeitonas em conserva picadas – 30 g**
- **8 colheres (sopa) ou ½ pote de requeijão – 100 g**

MODO DE PREPARO

- 1 ° - Numa frigideira, refogue a cebola com o azeite.
- 2° - Transfira para um bowl, misture o vinho branco, a água, o tempero verde e o sal e coloque o filé de peixe para marinar por 30 min.
- 3° - Na mesma frigideira, transfira o conteúdo do bowl e cozinhe por 5 min, mexendo para o peixe ir desfiando.
- 4° - Misture o milho e as azeitonas. Reserve.

MONTAGEM DA TORTA

- 1° - Distribua metade da massa numa forma untada, incluindo as laterais.
- 2° - Disponha o recheio, espalhe o requeijão por cima e leve para assar em forno preaquecido a 200 °C até dourar, por aproximadamente 30 minutos.

Dicas: para quem não tiver intolerâncias ou alergias, pode-se utilizar farinha de trigo ou outras farinhas na massa e trocar o requeijão por queijo ou ricota. E para quem tiver intolerância ou alergia ao leite, pode utilizar queijo vegetal no recheio.

Tempo de preparo: 1h15min.

Rendimento: 12 fatias.



Risoto de queijo com maçã e nozes

Adaptado de @distintagastronomia



INGREDIENTES

- **½ cebola picada - 70 g**
- **1 dente de alho negro - 8 g**
- **2 colheres (sopa) de manteiga - 24 g**
- **1 xícara (chá) de arroz arbóreo - 150 g**
- **½ xícara (chá) de vinho branco - 75 ml**
- **1 litro de caldo de legumes**
- **1 maçã em cubos - 140 g**
- **2/3 de xícara (chá) de queijo pecorino de ovelha ou outro queijo temperado ralado - 100 g**
- **4 colheres (sopa) de nozes picadas - 40 g**

MODO DE PREPARO

- 1° - Refogue a cebola e o alho negro com metade da manteiga, adicione o arroz e depois o vinho.
- 2° - Quando secar o vinho, adicione o caldo aos poucos, mexendo sempre.
- 3° - Quando estiver cremoso, acrescente a maçã e misture; depois o queijo até derreter.
- 4° - Finalize com o restante da manteiga e nozes por cima.

Dicas: pode ser congelada a base do risoto preparada até a etapa de adicionar o vinho, deixando o arroz al dente. Na hora de utilizar, retirar do freezer, descongelar e finalizar antes de servir.

Tempo de preparo: 30 minutos. **Rendimento:** 8 porções.

Curau brûlée

Adaptado de @sucavalli



INGREDIENTES

- **3 xícaras (chá) de milho-verde em conserva sem sal - 300 g**
- **1 copo de leite - 200 ml**
- **6 colheres (sopa) de açúcar cristal - 30 g**
- **6 colheres (sopa) de açúcar mascavo - 30 g**
- **2 colheres (sopa) de manteiga - 20 g**
- **Açúcar cristal para finalizar**

MODO DE PREPARO

- 1° - Bata o milho no liquidificador com o leite até formar um creme e coe com uma peneira para deixá-lo bem lisinho.
- 2° - Leve para a panela com os açúcares e a manteiga, em fogo médio, mexendo sempre com um fuê até engrossar e ficar bem cremoso.
- 3° - Distribua em forminhas, finalize com uma camada de açúcar cristal por cima e passe o maçarico até formar uma casquinha dourada e crocante.

Dicas: pode ser utilizado o milho-verde cozido ou congelado pré-cozido.

Tempo de preparo: 15 min.

Rendimento: 6 porções.

Queijadinhas de nozes

Adaptado de @dicanapanela



INGREDIENTES

- **4 ovos - 200 g**
- **1 e ½ xícara (chá) de açúcar cristal - 220 g**
- **4 colheres (sopa) de manteiga - 50 g**
- **1 xícara (chá) de farinha de trigo - 100 g**
- **1 e ½ xícara (chá) de queijo parmesão ou meia cura ralado - 100 g**
- **5 colheres (sopa) de nozes picadas - 50 g**
- **2 xícaras (chá) de iogurte natural - 300 g**
- **manteiga e farinha para untar as forminhas ou pelotines**
- **2 colheres (sopa) de açúcar de confeiteiro para polvilhar (opcional) - 20 g**

MODO DE PREPARO

- 1° - Em uma tigela, bata os ovos e o açúcar até formar um creme claro. Adicione a manteiga amolecida e misture bem.
- 2° - Acrescente a farinha, o queijo, as nozes, o iogurte e misture até ficar homogêneo.
- 3° - Despeje a massa nas forminhas preparadas* ou forminhas com pelotines dentro e leve para assar em forno a 180 °C por aproximadamente 40 minutos.
- 4° - Retire das forminhas ainda quente, deixe esfriar e sirva enfeitado com nozes.

*Unte forminhas de queijadas com manteiga, polvilhe com farinha e retire o excesso. Passe rapidamente as formas por água fria, polvilhe novamente com farinha e repita o processo algumas vezes. Isso ajuda a criar uma casquinha delicada na queijada.

Dicas: pode utilizar outras oleaginosas no lugar das nozes.

Tempo de preparo: 1 h.

Rendimento: 12 unidades.

Sorvete de nozes

Equipe Cozinha Show

INGREDIENTES

- **1 xícara (chá) de leite ou extrato vegetal - 150 ml**
- **1 xícara (chá) de açúcar mascavo ou leite condensado - 100 g**
- **1 xícara (chá) de nozes - 100 g**
- **1 xícara (chá) de nata - 170 g**

MODO DE PREPARO

- 1° - Liquidifique o leite, o açúcar e as nozes. Depois acrescente a nata e bata novamente até formar um creme bem liso.
- 2° - Despeje a mistura num pote com tampa e leve ao freezer de 2 a 3 horas, mexendo de vez em quando.
- 3° - Retire do freezer, deixe amolecer um pouco e bata na batedeira até ficar um creme aerado.
- 4° - Misture as nozes trituradas com uma colher e retorne ao freezer para congelar novamente por 2 a 3 horas.
- 5° - Retire do freezer e deixe amolecer um pouco. Faça bolas e sirva decorado com nozes in natura ou caramelizadas, frutas, flores e ervas aromáticas ou acompanhado de waffle.

Tempo de preparo: 5 h.

Rendimento: 6 porções.



Torta de ricota com doce de leite

Adaptado de @fazcomfe

INGREDIENTES

- **5 xícaras (chá) de ricota sem sal em pedaços ou creme de ricota - 500 g**
- **1 e 2/3 de xícara (chá) de nata - 200 g**
- **4 ovos grandes - 200 g**
- **3 xícaras (chá) de doce de leite - 500 g**

MODO DE PREPARO

- 1º - No liquidificador, bata a ricota, a nata, os ovos e o doce de leite até formar um creme liso e sem grumos.
- 2º - Despeje a massa em uma forma com fundo removível, de 20 cm de diâmetro, untada e leve ao forno preaquecido a 180 °C por 40 a 45 minutos, ou até firmar nas laterais.
- 3º - Deixe esfriar e leve à geladeira por no mínimo 6 horas ou de um dia para o outro.

INGREDIENTES PARA A COBERTURA

- **2/3 de xícara (chá) de doce de leite - 100 g**
- **2/3 de xícara (chá) de nata - 100 g**
- **1 colher (sopa) de café solúvel - 10 g (opcional)**

MODO DE PREPARO

1º - Misture o doce de leite com a nata até ficar homogêneo. Se quiser mais firme, leve ao micro-ondas em intervalos de 2 minutos, mexendo até chegar no ponto desejado.

2º - Espalhe sobre a torta já gelada.

Dicas: servir decorado com flores ou frutas desidratadas, com uma fatia de queijo, fruta cítrica desidratada. Harmonizar com vinho tinto.

Tempo de preparo: 7 h.

Rendimento: 12 fatias.





Docinho de nozes com melado e cacau

Equipe Cozinha Show

INGREDIENTES

1 xícara (chá) de nozes - 100 g
3 colheres (sopa) de melado - 50 g
3 colheres (chá) de cacau em pó - 6 g

MODO DE PREPARO

1º - Triture as nozes com o melado e o cacau até formar uma massa, deixando pedacinhos pequenos de nozes.

2º - Enrole os docinhos e coloque nos pelotines.

Dicas: pode substituir as nozes por outras oleaginosas, como castanha de baru, de caju ou amêndoas.

Tempo de preparo: 20 minutos.

Rendimento: 12 docinhos.



Torta de ricota com figos e mel

Adaptado de @dicanapanela

INGREDIENTES PARA A BASE

- **1 e 2/3 de xícara (chá) de farinha de trigo ou farinha de arroz - 180 g**
- **½ colher (chá) de fermento químico em pó - 2 g**
- **1 colher (cafezinho) de sal - 2 g**
- **1 ovo - 50 g**
- **3 colheres (sopa) de azeite de oliva ou óleo - 30 g**

MODO DE PREPARO

- 1º - Misture todos os ingredientes até formar uma massa.
- 2º - Abra a massa, coloque na forma de 20 cm de diâmetro, fure com garfo e leve ao forno preaquecido a 180 °C por 8 minutos.

INGREDIENTES PARA O RECHEIO DE CREME

- **1 e ½ xícaras (chá) de ricota ou requeijão - 170 g**
- **½ xícara (chá) de iogurte natural - 70 g**
- **2 ovos - 100 g**
- **1 colher (chá) de amido de milho - 5 g**
- **3 colheres (sopa) rasas de mel - 60 g**
- **1 xícara (chá) de figo em compota cortado em fatias finas - 150 g**
- **Figos em compota fatiados finos e mel para decorar**

Modo de preparo: bata a ricota, o iogurte, os ovos, o amido de milho e o mel no liquidificador até ficar cremoso.

MONTAGEM

- 1º - Sobre a base da torta já assada, espalhe o figo em compota cortado em fatias finas e, por cima, o recheio cremoso.
- 2º - Leve ao forno para assar por 20 minutos coberto com papel manteiga e mais 10 min descoberto.
- 3º - Retire do forno e decore com os figos em compota cortados em fatias finas e um fio de mel.

Tempo de preparo: 1 h.

Rendimento: 12 fatias.



Cuidado especial com a saúde de animais

HOMEOPATIA CONTRIBUI PARA O EQUILÍBRIO SANITÁRIO DOS REBANHOS

TALINE SCHNEIDER E FERNANDA FURTADO GARCIA

O uso da homeopatia na pecuária tem despertado interesse de produtores que buscam alternativas para reduzir o uso de produtos químicos e melhorar a saúde dos rebanhos. Aplicada de forma integrada ao manejo, a técnica vem sendo utilizada principalmente no controle de parasitas internos e externos, como carrapatos, verminoses e mosca-do-chifre.

Segundo o extensionista rural da Emater/RS-Ascar Thomas Machado, especialista em Homeopatia Aplicada a Animais, Plantas e Agroecossistemas, a proposta é diferente da medicina convencional. Em vez de combater apenas os sintomas, a homeopatia procura compreender as causas do desequilíbrio e restabelecer as condições naturais do organismo e do ambiente.

Os medicamentos homeopáticos podem ser fornecidos junto ao sal mineral consumido pelos animais.

Divulgação Emater/RS-Ascar



Uso de medicamentos homeopáticos tem sido difundido no meio rural gaúcho

A partir daí, atuam sobre o ciclo biológico dos parasitas, reduzindo sua reprodução e, consequentemente, a reinfestação das áreas de criação. "O produtor precisa aprender a observar sua propriedade, compreender o ciclo dos parasitas e identificar os desequilíbrios do ambiente. Esse processo pode levar de quatro meses a um ano, dependendo das condições de cada sistema de produção", explica Machado.

Há sete anos aplicando a homeopatia na propriedade, o produtor rural Sérgio Barreto Severo, da localidade de Torquato Severo, no segundo distrito de Dom Pedrito, conta que o principal desafio sanitário era o controle do carrapato. Com o manejo homeopático, passou a observar melhora gradual na saúde do rebanho, redução no uso de produtos convencionais e diminuição dos custos com o controle sanitário. "Foi diminuindo o carrapato, e o gado foi se recuperando", relata Severo.

O objetivo do manejo não é eliminar completamente os parasitas, mas mantê-los em níveis compatíveis com o equilíbrio do agroecossistema. O trabalho pode ser associado ao uso de plantas repelentes e a outras práticas agroecológicas. Os primeiros resultados costumam ser percebidos nas primeiras semanas de tratamento, embora o controle do ciclo biológico dos parasitas exija continuidade e respeito ao tempo de desenvolvimento de cada espécie. "Carrapatos, vermes e moscas possuem ciclos diferentes, o que torna fundamental manter o tratamento pelo período recomendado", ressalta o extensionista rural.

Segundo o produtor, os benefícios também refletiram no desempenho do rebanho, com ganho de peso dos animais e melhora nos índices de prenhez. Para quem pretende adotar a prática, ele ressalta que o sucesso depende do manejo correto. "Na homeopatia, é preciso ter três cuidados principais: a armazenagem do produto, a forma correta de fazer a mistura e o posicionamento adequado dos cochos. Eles devem ficar bem centralizados e protegidos para evitar a entrada de água, já que o sal homeopatizado não pode molhar. Se isso acontecer, o produto perde sua eficácia", orienta Severo.

Entre os efeitos observados estão redução da infestação por parasitas, melhora da condição sanitária dos animais e diminuição do estresse do rebanho. Em propriedades leiteiras, alguns produtores também relatam aumento na produção de leite, enquanto na bovinocultura de corte são observadas melhorias na condição corporal dos animais. A adoção da homeopatia também tem avançado em razão do menor custo de manejo e da possibilidade de integração com outras práticas, como fitoterapia e florais. Para Machado, trata-se de uma alternativa que amplia as opções de manejo sanitário, contribuindo para sistemas de produção mais sustentáveis e equilibrados.



O Pampa é terra de ovelhas

A OVINOCULTURA FAZ PARTE DA IDENTIDADE DO ESTADO E MARCA PRESENÇA EM PRATICAMENTE TODO O TERRITÓRIO GAÚCHO

CLEUZA NOAL BRUTTI

No Rio Grande do Sul, criar ovelhas vai muito além da produção de carne e lã. A ovinocultura faz parte da identidade do Estado e marca presença em praticamente todo o território gaúcho, reunindo mais de 47 mil produtores distribuídos em 496 municípios. Uma atividade secular que segue se renovando por meio da pesquisa, da assistência técnica e de programas voltados à qualificação da produção.

Entre as iniciativas que impulsionam esse novo momento estão os Centros Estaduais de Diagnóstico e Pesquisa em Ovinocultura (Ceovinos), localizados em Encruzilhada do Sul e Hulha Negra (Cesimet), e o Programa de Certificação da Lã Gaúcha, desenvolvido pela Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (Arco), em parceria com a Emater/RS-Ascar.

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



O Rio Grande do Sul abriga cerca de 3,16 milhões de ovinos, em cerca de 47 mil propriedades

REBANHO ESTRATÉGICO E ALIADO DA CONSERVAÇÃO DO PAMPA

O Rio Grande do Sul abriga cera de 3,16 milhões de ovinos, em cerca de 47 mil propriedades. Aproximadamente 72% desse rebanho está concentrado em apenas 30 municípios, principalmente no Bioma Pampa, onde a criação de ovinos desempenha um papel importante na conservação dos campos nativos.

Contudo, a cadeia produtiva ainda enfrenta um desafio importante: aumentar a taxa de assinalação, indicador que mede o número de cordeiros desmamados em relação ao total de matrizes colocadas em reprodução.

Melhorar esse índice significa produzir mais animais por matriz, elevar a rentabilidade das propriedades e fortalecer a competitividade da carne ovina gaúcha. É justamente nesse ponto que a assistência técnica e a pesquisa fazem a diferença.

Assistência técnica para produzir mais e melhor

Na região de Santa Maria, a Emater/RS-Ascar deverá atender em 2026 a mais de 600 produtores, que somam um rebanho estimado em nove mil ovinos. O trabalho envolve todas as etapas da produção, desde o manejo sanitário e nutricional dos animais até o melhoramento genético, o manejo do campo nativo, a implantação de pastagens e a organização dos produtores para a comercialização.

Uma das iniciativas é a capacitação de pequenos criadores para obtenção do Selo Cordeiro Premium Gaúcho, que reconhece animais produzidos dentro de padrões de qualidade exigidos pelo mercado formal e contribui para agregar valor à produção.

Na cadeia da lã, a parceria entre a Emater/RS-Ascar e a Arco permite que técnicos realizem gratuitamente a coleta de amostras para análise de micronagem – exame que determina a finura e a qualidade da fibra. O material é enviado ao laboratório da Arco, em Bagé, e serve de base para a seleção genética de animais das raças Merino, Ideal e Corriedale.

Depois da análise, os produtores recebem orientação para realizar o acondicionamento da lã conforme os protocolos de certificação. Com isso, o produto já deixa a propriedade classificado e certificado, podendo alcançar preços até 50% superiores aos obtidos pela lã comercializada sem padronização.

A sanidade dos rebanhos também recebe atenção especial. A Emater/RS-Ascar orienta a coleta de amostras de fezes para exames de OPG (ovos por grama de fezes) e coprocultura, realizados em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). As análises permitem controlar a verminose de forma mais eficiente e selecionar animais naturalmente mais resistentes aos parasitas.

Outro trabalho que vem ganhando espaço são os concursos municipais de borregas. Além de estimular o melhoramento genético e sanitário dos rebanhos, os eventos aproximam os produtores, promovem troca de experiências e fortalecem grupos voltados à comercialização conjunta.



Melhoramento genético e sanitário dos rebanhos está entre os objetivos de eventos que são realizados em diversas regiões

Região Central aposta na organização dos produtores

A Região Central concentra mais de 258 mil ovinos, pertencentes a cerca de 6 mil produtores. A maioria das propriedades é familiar e possui rebanhos de aproximadamente 50 animais.

Nessas pequenas criações, a produção é voltada principalmente para carne, enquanto a lã representa uma importante fonte complementar de renda. Parte dos criadores ainda produz cordeiros para consumo da própria família e comercializa apenas o excedente.

Para ampliar a inserção desses produtores no mercado formal, a Emater/RS-Ascar incentiva a formação de grupos de comercialização. Municípios como Quevedos e Dilermando de Aguiar já realizam vendas coletivas anuais de cordeiros para abate, estratégia que melhora o poder de negociação e facilita o acesso aos frigoríficos.

A região conta com oito abatedouros inspecionados pelos serviços municipal e estadual. Ainda assim, grande parte dos animais segue para frigoríficos habilitados pelo Sistema Brasileiro de Inspeção (Sisbi), localizados na Região Metropolitana, que buscam os lotes diretamente nas propriedades.

Do ponto de vista genético, predominam raças e cruzamentos com aptidão maior para a produção de carne, especialmente Texel, Hampshire Down, Ile de France ou dupla aptidão, a exemplo do Corriedale. Também estão presentes, em menor quantidade, rebanhos das raças Ideal e Merino Australiano, voltados não somente à produção de cordeiros, mas também à produção de lã fina, de maior qualidade têxtil.



Parte dos criadores gaúchos ainda produz cordeiros para consumo da própria família e comercializa apenas o excedente



ABATE FORMAL CRESCE E MERCADO SEGUE AQUECIDO

O abate formal de ovinos no Rio Grande do Sul alcançou, em 2023, o melhor resultado da última década. Foram mais de 253 mil animais abatidos, maior volume registrado desde 2014, com destaque para municípios como Santana do Livramento, Quaraí e Alegrete. Além de abastecer o mercado gaúcho, a carne produzida no Estado também é enviada para Santa Catarina e Paraná.

A principal categoria de abate – mais valorizada pelos consumidores – são os cordeiros (até 12 meses de idade). Contudo, a realidade atual mostra ainda um grande volume abatido de animais maiores de 12 meses, que pode ser consequência, dentre outras coisas, da baixa oferta de cordeiros.

No início de agosto, o preço médio do cordeiro para abate girava em torno de R$ 15 por quilo vivo, enquanto capões eram negociados próximos de R$ 13/kg e ovelhas de descarte entre R$ 11 e R$ 12/kg. A expectativa do setor é de manutenção dos preços, sustentada pela combinação entre oferta reduzida e demanda aquecida.

OS DESAFIOS DA ATIVIDADE

Embora existam avanços, a ovinocultura gaúcha ainda enfrenta obstáculos importantes para ampliar sua competitividade. Entre eles estão a baixa taxa de natalidade dos rebanhos, a informalidade no abate e na comercialização, a necessidade de profissionalizar a gestão das propriedades, o desconhecimento das preferências do consumidor e problemas recorrentes como o abigeato, os ataques de predadores e a crescente disputa por áreas ocupadas por lavouras e pela bovinocultura.

Mesmo diante desses desafios, o setor aposta na combinação entre tecnologia, genética, organização dos produtores e assistência técnica para fortalecer a cadeia produtiva. A expectativa é consolidar o Rio Grande do Sul não apenas como referência nacional em produção de carne e de lã, mas também como um Estado capaz de agregar valor aos seus produtos e ampliar sua presença nos mercados mais exigentes.



Mãos que tecem, fios que atravessam gerações

HISTÓRIAS DE VIDA MOSTRAM COMO O ARTESANATO EM LÃ PRESERVA SABERES, GERA RENDA E CONQUISTA NOVAS GERAÇÃO DE ARTESÃS NA REGIÃO SUL DO ESTADO

ELISE AZAMBUJA SOUZA

A lembrança de percorrer o campo recolhendo lã de borregos na fazenda onde a mãe trabalhava ainda está viva na memória de dona Vera Regina Fagundes. Era assim que, ainda menina, conseguia pequenas porções da matéria-prima para brincar, inspirada pelo trabalho da mãe. Foi também dessa forma que a tradição do artesanato em lã entrou em sua vida para nunca mais sair. "Minha mãe fazia xergão e eu achava lindo ver ela fazer. Aprendi com ela e peguei gosto pelo trabalho com a lã", recorda.

O xergão, também chamado de baixeiro, é uma manta de lã colocada entre o dorso do cavalo e a sela para proteger o lombo do animal e se tornou a especialidade da artesã. Por volta dos 20 anos de idade, o ofício ganhou um novo significado. Mãe solo de duas meninas pequenas e sem outra fonte de renda, dona Vera encontrou na confecção dos xergões uma forma de garantir o sustento da família. Como não possuía rebanho, dependia da lã levada pelos próprios clientes. "Quando alguém queria um xergão, levava a lã para mim e eu fazia. Era para ajudar a comprar alguma coisa para as crianças", relembra.

De lá para cá, já se vão mais de quatro décadas dedicadas ao artesanato. Dona Vera acompanhou a evolução do fuso – utensílio tradicional de fiação – para a roca e teve no artesanato uma das principais fontes de renda ao longo da vida, complementada pelos serviços de limpeza que realizava e pela produção de doces. Assim como ela, as filhas também se inspiraram no trabalho da mãe e aprenderam o ofício. Uma delas mantém a tradição até hoje, conciliando o emprego fora de casa com a produção artesanal de fios de lã para comercialização.

Mesmo com mais idade e dores nos braços, dona Vera continua produzindo peças sempre que possível. "É uma fonte de renda e também me dedico ao artesanato. Apesar das dificuldades, eu ainda trabalho com lã porque gosto e tenho muito orgulho do que faço", afirma. A história dela é apenas uma entre tantas que ajudam a contar e manter viva a tradição do artesanato em lã na Região Sul do Rio Grande do Sul. Em propriedades rurais espalhadas pelo território, a matéria-prima retirada das ovelhas é transformada em fios, peças de vestuário, artigos utilitários e itens de decoração, agregando valor à produção e fortalecendo a renda das famílias.

Segundo a extensionista rural da Emater/RS-Ascar Regina Medeiros, o diferencial da atividade está justamente na transformação da lã em produtos artesanais, ampliando muito o valor comercial de uma matéria-prima que, vendida *in natura*, oferece menor retorno financeiro ao produtor. "Há famílias que vivem da produção de fios e outras que transformam a lã em ponchos, cobertas, peças de vestuário, artigos de decoração e até bijuterias. Esse processo agrega valor ao produto e, em muitos casos, representa uma importante fonte de renda", explica.

Da lavagem e seleção da lã a cardagem, fiação, tecelagem, feltragem e tingimento, inclusive com o uso de plantas para obtenção de corantes naturais, o artesanato reúne técnicas que permitem a confecção de peças únicas e valorizadas pelos consumidores. Processos esses que podem ser aprendidos nos cursos de artesanato em lã promovidos no Centro de Treinamento de Agricultores de Canguçu (Cetac).

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



Ganhos: transformar a lã em produtos artesanais é uma maneira de ampliar o valor comercial dessa matéria-prima



Cursos de artesanato em lã têm sido promovidos no Cetac, em Canguçu



Dona Vera Regina Fagundes ainda mantém a tradição de produzir com lã

SENSIBILIDADE CONQUISTA CONSUMIDORES

A singularidade das peças produzidas artesanalmente a partir de uma matéria-prima tão representativa da região conquista consumidores e também novas artesãs. Nathalie Deschampes é francesa e atualmente reside em Herval, na Região Sul do Estado. Na França, nunca havia trabalhado com lã, mas se encantou pela atividade logo que chegou ao município. Ela guarda com carinho as primeiras agulhas, que recebeu de presente da sogra gaúcha, e, depois de participar de diversos cursos, passou a produzir peças utilizando principalmente técnicas como crochê e tecelagem em teares de pregos e pentes.

Apesar de trabalhar fora e não conseguir se dedicar ao artesanato tanto quanto gostaria, Nathalie produz peças para presentear pessoas queridas e também atende encomendas. Seu trabalho já foi reconhecido com premiações em concursos realizados na região. Para ela, o diferencial está na dedicação empregada em cada criação. "Eu compro a lã fiada por colegas artesãs da minha região ou nas cooperativas de lã do Estado. Tem dias, e até noites, só de croquis, testes e erros até chegar ao resultado final. Sempre gosto de conhecer quem vai ficar com minhas peças, porque é um pouco de mim que vai junto", conta.



Nathalie Deschampes já recebeu prêmios em concursos

TRADIÇÃO SE CONVERTE EM RENDA

TRADIÇÃO ANCESTRAL: o artesanato em lã faz parte da história das famílias da pecuária familiar e preserva técnicas transmitidas entre gerações.

MAIS VALOR PARA A PRODUÇÃO: a transformação da lã em fios, vestuário, acessórios e peças artesanais agrega valor à matéria-prima e amplia as oportunidades de comercialização.

PRESENÇA REGIONAL: todos os municípios da Região Sul do Estado com atividade de pecuária familiar contam com artesãs que trabalham a lã ovina.

PROTAGONISMO FEMININO: a atividade é desenvolvida majoritariamente por mulheres, contribuindo para a geração de renda, a autonomia financeira e a valorização do trabalho feminino no meio rural.

VITRINE PARA AS ARTESÃS: feiras e eventos são fundamentais para a divulgação e a comercialização da produção. Entre os principais espaços estão a Feira e Festa Estadual da Ovelha (Feovelha), a Fenadoce e a Expointer.



Via-Láctea gaúcha

PECUÁRIA LEITEIRA ASSUME DIFERENTES CAMINHOS NAS PROPRIEDADES RURAIS

FHABIANA CREDIDEU, MATEUS DE OLIVEIRA E CARINE MASSIERER

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



A criação de vacas leiteiras carrega uma história que atravessa gerações da família Moura e atualmente mobiliza o jovem Ângelo, que auxilia nas tarefas

Do leite produzido na propriedade ao produto que chega à mesa das pessoas, a pecuária leiteira encontra diferentes caminhos para gerar renda, agregar valor à produção e contribuir para a permanência das famílias no campo. Em Guaíba e Riozinho, duas propriedades assistidas pela Emater/RS-Ascar mostram como a atividade pode se adaptar às mudanças e histórias.

Em Guaíba, a família do jovem Ângelo de Moura mantém a produção de leite e comercializa a matéria-prima diretamente para uma agroindústria de iogurte de Eldorado do Sul. Já em Riozinho, na propriedade da jovem Júlia Benedetti, a produção percorre outras etapas no interior da própria propriedade. O leite produzido pela família é transformado em queijos e outros derivados na agroindústria familiar Queijos Riozinho, ampliando as possibilidades de comercialização e agregando valor à produção.

DE AVÔ PARA NETO

A pecuária leiteira carrega uma história que atravessa gerações da família Moura. A propriedade possui cerca de 30 vacas, sendo 16 em ordenha. A atividade já passou por diferentes momentos e formatos ao longo dos anos. "O meu avô começou com seis ou sete vacas, e ele tirava leite na mão. Naquela época, antes da chegada dos equipamentos de refrigeração, o leite era colocado em tarros resfriados em um tanque com água gelada e depois transportado de carroça até o entreposto", lembra Ângelo.

Com o passar dos anos, os produtores buscaram inovação, começando a dar espaço para novas tecnologias, como as ordenhadeiras, que permitiram ampliar o número de animais, aproximando o jovem da história iniciada pelo seu avô. "Eu acho que eu nunca me senti tão próximo de uma pessoa que eu não tive a oportunidade de conhecer. A continuidade da atividade me conecta com a trajetória da minha família", conta.

Para o jovem, a retomada da produção representa uma oportunidade de construir novos caminhos a partir dos conhecimentos deixados pelo avô e daqueles buscados além das cercas da propriedade, através da participação em iniciativas como o Curso de Empreendedorismo e Desenvolvimento para a Juventude Rural da Emater/RS-Ascar, um espaço de formação e de troca de experiências que reúne jovens do meio rural.



Ângelo (na foto, com o pai) dedica-se a área que se inseriu na rotina familiar

UMA RECEITA DE FAMÍLIA

Em Riozinho, a produção leiteira também está ligada a uma história que atravessa gerações. A fabricação de queijos começou com a bisavó da atual produtora e depois foi mantida pela avó, que durante cerca de 40 anos produziu de forma informal.

O conhecimento transmitido ao longo das décadas serviu de base para que a família desse um novo passo: transformar uma tradição familiar em uma agroindústria. A estrutura permitiu que eles ampliassem a produção e encontrassem novas formas de agregar valor ao leite produzido na propriedade.

"Cada um se dedica em alguma parte, tanto na pecuária, no manejo dos animais e na ordenha; já a produção dos derivados é conduzida na agroindústria. A minha irmã cuida da divulgação e do marketing da queijaria. Todo nosso leite é produzido por nós, então precisamos que cada um faça um pouco de tudo", destaca Júlia Benedetti.

A fabricação de queijos foi o ponto de partida para a agroindústria, que, com o passar do tempo, diversificou a produção. Hoje, a família também trabalha com iogurtes, queijos temperados e doce de leite. A ampliação da produção permite aproveitar a matéria-prima da propriedade de diferentes maneiras e alcançar consumidores interessados em produtos elaborados pela agricultura familiar.



Em Riozinho, a fabricação de queijos foi o ponto de partida para a agroindústria, que depois diversificou a produção

Dois caminhos diferentes, mas o mesmo objetivo

De acordo com a gerente adjunta do Escritório Regional de Porto Alegre da Emater/RS-Ascar, Cora Silveira, as experiências de Ângelo e Júlia mostram justamente como a atividade pode encontrar diferentes caminhos diante dos desafios. Enquanto uma comercializa o leite diretamente a uma agroindústria, a outra transforma a própria matéria-prima em diferentes produtos dentro da propriedade. "Buscar formas diferenciadas de comercialização e aproveitar as possibilidades existentes em cada unidade produtiva pode ser uma alternativa para fortalecer a renda das famílias e incentivar a permanência no campo", pontua.

Embora sigam caminhos diferentes, ambas têm em comum a busca por alternativas que permitam transformar a produção leiteira em fonte de renda e de continuidade no campo. Para Cora, essas experiências também representam uma perspectiva de futuro para a juventude rural. "O importante disso é que são jovens que continuam na propriedade, estão encontrando fontes de renda para se sustentar e conseguindo agregar valor aos seus produtos", aponta.

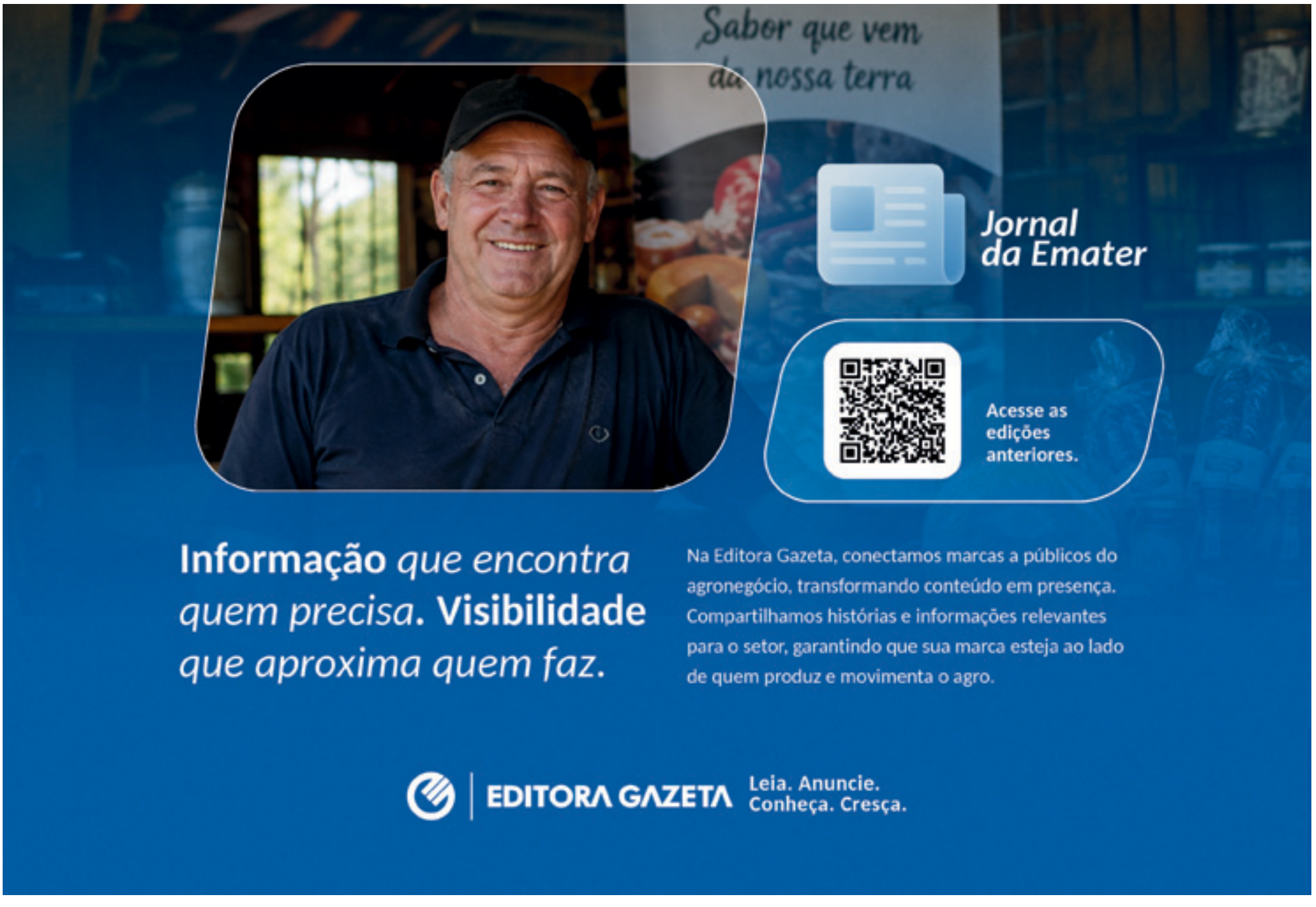
Fotos: José Schafer - Divulgação Emater/RS-Ascar



Pecuária de leite é uma oportunidade para Ângelo construir caminho a partir dos conhecimentos deixados pelo avô



Fabricação de queijos é o segmento ao qual se dedica a jovem Júlia Benedetti



Um mundo mais cor de rosa

PRODUTORA DE LEITE NA REGIÃO NOROESTE DESCOBRE COMO "DEIXAR A VIDA MAIS COR DE ROSA"

RAQUEL AGUIAR

A produção leiteira está presente em muitas propriedades rurais. E em Ijuí uma produtora aumentou significativamente a produção da família na última década. A agropecuária Ceretta tornou-se autossustentável e foi da produção de 15 litros de leite por dia por vaca para uma média de 45 litros, no sistema de confinamento. Como Jaqueline, filha do seu Sirineu e da dona Ivone, conseguiu isso? Olhando a propriedade como uma empresa e com muito trabalho.

Com formação acadêmica em Química, Jaqueline sentiu a necessidade de conhecer mais sobre como administrar a propriedade. "Não é fácil. Primeiro foi preciso entender todo o processo administrativo, porque a gente não tem uma constância no valor pago pelo litro de leite. Você tem uma empresa que ganha R$ 1 mil neste mês, no outro ganha R$ 800,00 e no terceiro ganha R$ 500,00. Como administrar tudo isso? Hoje já se fala mais sobre assunto, mas na época que eu voltei para a propriedade não se falava muito."

Mas, com muita força de vontade e resiliência, ela foi entendendo o que era preciso fazer. Segundo Jaqueline, para atingir uma boa produção é fundamental uma alimentação de qualidade para os animais. "O principal ponto para uma boa produção é apostar em solo. Um bom produtor de leite é um excelente lavoureiro. Ele tem que entender da lavoura. Não adianta ter comida ruim e vaca boa que a conta não vai fechar. Com comida de qualidade, tu vais conseguir explorar o melhor dos animais", afirma Jaqueline.

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



Agropecuária Ceretta, em Ijuí, e o trabalho de Jaqueline são referência na produção leiteira: ela agregou o toque de cor rosa em todas as estruturas locais

E para ter comida de qualidade para o plantel, a Agropecuária Ceretta produz o milho silagem, safra e safrinha, com a adoção de tecnologias de ponta e com cultivares de milho adaptados para a região. E a produtora acompanha de perto o balanceamento nutricional das vacas.

Outro fator importante é o uso da fertirrigação nas lavouras. "Isso é um avanço grande nas propriedades da região, principalmente do município de Ijuí, onde os produtores estão adotando a utilização do esterco bovino que sai dos galpões nas pastagens. Assim, há um retorno da matéria orgânica no solo", analisa o extensionista rural da Emater/RS-Ascar João Vítor Buratti. Ele ressalta ainda que a propriedade é exemplo de sucesso devido a um conjunto de fatores, como a alimentação adequada, a fertilidade do solo e o manejo correto dos animais.

Hoje, a agropecuária Ceretta e o trabalho de Jaqueline são referência na produção leiteira. Com o apoio dos pais, ela não só aumentou a produção de leite como transformou o lugar. Grande parte da propriedade tem o seu toque pessoal: a cor rosa. "Eu sempre gostei muito de estar arrumada, de me maquiar, eu sempre gostei muito de rosa. E por que não pintar a propriedade de rosa? Por que não trazer esse público feminino para o agronegócio, para a atividade leiteira também?"

E a ideia de ampliar o consumo do leite e levar os resultados obtidos para mais produtores fez com que Jaqueline fosse parar nas redes sociais. "Eu sempre digo, minha profissão é produtora de leite. E a questão de ser uma influência dentro do setor acho que só consegui através dos resultados. Eu acho que a gente só tem credibilidade quando obtêm resultado." E o que começou só para dar mais cor ao dia a dia, ela transformou em uma marca, a Leite de Batom. "Eu só não tenho tempo e dinheiro, mas ideias eu tenho de sobra. E por que não uma vaca de batom?"



A alimentação do plantel é de qualidade: "Não adianta ter comida ruim e vaca boa que a conta não vai fechar"



Os tons de rosa estão presentes nos mais variados aspectos na propriedade



Com a sua equipe, Jaqueline foca na qualidade de todo o sistema produtivo

Um bichinho bem inconveniente

CARRAPATO EXIGE CONTROLE ESTRATÉGICO E MANEJO INTEGRADO NAS PROPRIEDADES RURAIS

TALINE SCHNEIDER

Considerado um dos principais problemas sanitários da bovinocultura gaúcha, o carrapato provoca prejuízos expressivos à produção de carne e de leite, reduz a qualidade do couro, favorece a ocorrência da tristeza parasitária bovina e aumenta os gastos dos produtores com medicamentos. Diante desse cenário, pecuaristas são orientados a adotarem um manejo integrado, combinando diferentes estratégias de controle para reduzir a infestação e evitar a resistência aos carrapaticidas.

Segundo o extensionista rural da Emater/RS-Ascar Carlos Roberto Vieira da Cunha, o primeiro tratamento na primavera é decisivo para diminuir a população do parasita ao longo do ano. Como cada fêmea pode colocar entre dois e três mil ovos, o controle precoce reduz as gerações seguintes, que costumam atingir o pico de infestação no outono. "Mais de 95% da população de carrapatos está no ambiente, na forma de ovos e larvas presentes no pasto, o que torna o manejo ainda mais desafiador", explica o extensionista rural.

Outro alerta é para o uso correto dos carrapaticidas. A aplicação de doses inadequadas, a mistura de produtos ou o uso repetitivo do mesmo princípio ativo favorecem a seleção de carrapatos resistentes, diminuindo a eficiência dos tratamentos. "A recomendação é utilizar sempre a dose indicada para o peso do animal, garantir a correta aplicação dos produtos e evitar misturas entre diferentes carrapaticidas", completa Carlos Roberto.



Os pecuaristas precisam monitorar a presença do parasita em seus rebanhos



Um perigo: o carrapato favorece a ocorrência da tristeza parasitária bovina

Para definir o produto mais eficiente em cada propriedade, incentiva-se a realização do biocarrapaticidograma, exame laboratorial gratuito que avalia a sensibilidade dos carrapatos aos diferentes grupos químicos disponíveis no mercado. O produtor arca apenas com o transporte das amostras até o laboratório, localizado em Eldorado do Sul.

O pecuarista Gilnei Ávila, de Cristal, conta que passou a utilizar o biocarrapaticidograma há cerca de três anos para definir o produto mais eficiente no controle do carrapato em seu rebanho. Segundo ele, o exame permitiu identificar quais princípios ativos ainda apresentavam eficácia na propriedade, evitando o uso de medicamentos aos quais o parasita já havia desenvolvido resistência. "O principal desafio da nossa pecuária hoje é o carrapato. A sanidade do rebanho é um dos fatores mais importantes para aumentar a produtividade e a rentabilidade da atividade", afirma.

Gilnei destaca ainda que a adoção da ferramenta trouxe resultados tanto sanitários quanto econômicos. "O que mais chamou a atenção foi descobrir que o produto mais eficiente para a minha propriedade era justamente um dos mais baratos. Além de melhorar o controle do carrapato, conseguimos reduzir custos. Vale a pena fazer esse diagnóstico e utilizar o medicamento correto para cada realidade", afirma.

Além do controle químico, são recomendadas práticas complementares, como a rotação de pastagens, o uso de plantas com ação carrapaticida, homeopatia, fungos entomopatogênicos e outras alternativas que ajudam a reduzir a infestação e diminuem a dependência de medicamentos. "Os produtores devem procurar acompanhamento técnico para definir a estratégia mais adequada para cada propriedade", cita Carlos Roberto.



Primeiro tratamento na primavera ajuda a diminuir parasita ao longo do ano



Rotação de pastagens, uso de plantas com ação carrapaticida e homeopatia são alternativas para um maior controle

Um aliado valioso do produtor

SERVIÇO DE CLASSIFICAÇÃO DA EMATER/RS-ASCAR DÁ SEGURANÇA À COMERCIALIZAÇÃO DA SAFRA DE INVERNO NO RIO GRANDE DO SUL

CLEUZA NOAL BRUTTI

Fotos: José Schafer – Divulgação Emater/RS-Ascar



As 22 Unidades de Classificação e Certificação da Emater/RS-Ascar distribuídas pelo território gaúcho estão preparadas para atuar junto ao setor produtivo

Quando as colheitadeiras começarem a avançar sobre as lavouras de trigo, aveia branca, canola e cevada no Rio Grande do Sul, outro trabalho igualmente importante estará em andamento – embora quase sempre longe dos olhos de quem acompanha a safra. Antes de chegar aos armazéns, às indústrias ou ao mercado externo, os grãos passam por uma etapa que define seu padrão de qualidade e influencia diretamente sua comercialização: a classificação.

Na safra de inverno de 2026, a expectativa é de que o Estado produza cerca de 3,73 milhões de toneladas dessas quatro culturas. Para atender essa demanda, as 22 Unidades de Classificação e Certificação da Emater/RS-Ascar distribuídas pelo território gaúcho já estão preparadas para atuar junto a produtores, cooperativas, cerealistas, agroindústrias e empresas do setor.

É durante a classificação que são avaliadas características como umidade, impurezas, defeitos e outros parâmetros previstos na legislação. O processo garante que os grãos atendam aos padrões exigidos pelo mercado, oferece mais transparência às negociações e reduz conflitos entre quem vende e quem compra.

A preparação da equipe de classificadores da Emater/RS-Ascar para esse trabalho começou ainda em junho, quando os responsáveis pelas 22 unidades se reuniram no distrito Recanto Maestro, em Restinga Sêca, para planejar as ações da safra. O encontro serviu para alinhar procedimentos técnicos, revisar as atividades desenvolvidas no primeiro semestre e organizar o atendimento para o período de maior movimentação nas unidades.



Processo garante que grãos atendam aos padrões exigidos pelo mercado e oferece mais transparência às negociações

Segundo o gerente da Gerência de Classificação e Certificação (GCC) da Emater/RS-Ascar, Filipi Fagundes dos Santos, o planejamento antecipado é essencial para manter a padronização dos serviços em todo o Estado. "Alinhamos os procedimentos técnicos para atender a safra de inverno e fortalecer nosso Sistema de Gestão da Qualidade, que sustenta a certificação ISO 9001 da Gerência de Classificação e Certificação da Emater", afirma.

DO AGRICULTOR FAMILIAR ÀS GRANDES *TRADINGS*

Embora pouco conhecido pela sociedade, o serviço de classificação atende uma ampla diversidade de clientes. Entre eles estão empresas multinacionais, tradings, cooperativas, cerealistas e agricultores familiares acompanhados pela assistência técnica da Emater/RS-Ascar.

"Nossas 22 unidades atendem desde empresas multinacionais e grandes tradings até os assistidos da Emater. Todos têm acesso aos nossos serviços", destaca Santos.

Além da classificação comercial de grãos, a equipe realiza análises gratuitas para comunidades rurais e orienta produtores sobre boas práticas de pós-colheita, armazenamento e conservação da produção. O objetivo é reduzir perdas, preservar a qualidade dos alimentos e ampliar as oportunidades de comercialização.

A atuação da GCC também se estende a outros segmentos do agro. Entre eles está a certificação da erva-mate, por meio da concessão do Selo de Qualidade e Conformidade, além de outras ações voltadas à promoção da segurança dos alimentos e da valorização da produção agropecuária gaúcha.

Nos bastidores da safra, o trabalho dos classificadores da Emater/RS-Ascar é um elo fundamental entre a lavoura e o mercado. É uma etapa decisiva que transforma produção em valor e assegura que a qualidade produzida no campo seja reconhecida, agregando valor aos produtos e oferecendo mais segurança para produtores, compradores e consumidores.

El Niño requer manejo dos apiários

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS PREVISTAS PARA OS PRÓXIMOS MESES REFORÇAM A NECESSIDADE DE PREVENÇÃO NOS APIÁRIOS.

FRANCHESCO DE OLIVEIRA Y CASTRO E MATEUS DE OLIVEIRA

Fotos: Divulgação Emater/RS-Ascar



Clima altera dinâmica de apiários e influencia no desenvolvimento das colônias



É preciso realizar inspeções para verificar disponibilidade de alimento proteico

A primavera costuma marcar o início de um dos períodos mais importantes para a apicultura. Com o aumento das floradas, as colônias ampliam a população e as abelhas intensificam a coleta de néctar e pólen, criando expectativa de uma boa produção de mel, beneficiando diversas culturas que necessitam da polinização. Neste ano, porém, a influência do *El Niño* acrescenta um desafio ao trabalho dos apicultores. A previsão de chuvas acima da média e de períodos prolongados de instabilidade no Rio Grande do Sul exigem planejamento e manejo preventivo para reduzir perdas e preservar a saúde dos enxames.

As condições climáticas alteram a dinâmica dos apiários e influenciam no desenvolvimento das colônias. Além de influenciar no comportamento das abelhas, o excesso de chuva interfere na floração, reduz a disponibilidade de néctar e pólen e favorece o surgimento de fungos e doenças nas colmeias. Os reflexos vão além da produção de mel, já que as abelhas desempenham papel essencial na polinização de espécies cultivadas e nativas, contribuindo para a produtividade agrícola e para a manutenção da biodiversidade.

Segundo o extensionista rural da Emater/RS-Ascar Ricardo Valim, temperatura, ventos e umidade exercem influência direta sobre a atividade apícola, e influenciam na floração e, consequentemente, na produção de mel e dos demais produtos apícolas.

O primeiro passo para enfrentar um período de maior instabilidade climática é avaliar as condições do apiário. Áreas sujeitas a alagamentos merecem atenção especial e, quando necessário, as colmeias devem ser transferidas para locais mais seguros ou elevadas sobre suportes, reduzindo o contato com a umidade do solo.

MONITORAMENTO

Além da localização dos apiários, a manutenção das colmeias também faz diferença. Caixas danificadas ou com falhas na vedação permitem a entrada de água e aumentam a umidade no interior do enxame. "É importante manter as caixas em boas condições e com cobertura eficiente. A umidade dentro da colmeia favorece o desenvolvimento de fungos e doenças, comprometendo a saúde do enxame", orienta Valim.

O clima neste período já exige atenção dos apicultores, sobretudo nos enxames com menor população e poucas reservas de alimento. A combinação entre chuvas frequentes, períodos prolongados de nebulosidade e temperaturas mais baixas restringe os voos das abelhas e reduz a oferta de néctar e pólen no ambiente, dificultando a busca por alimento. Ao mesmo tempo, o acúmulo de umidade no interior das colmeias aumenta o risco de desenvolvimento de fungos e pode afetar tanto as abelhas adultas quanto as crias, reforçando a necessidade de monitoramento e manejo das colônias.

Outro desafio imposto pelo excesso de chuva é a redução da oferta de alimento. Com menos períodos de tempo firme, as abelhas têm dificuldade para realizar os voos de coleta e a precipitação intensa remove parte do néctar disponível nas flores. Como consequência, as reservas naturais das colônias podem diminuir justamente na fase de crescimento dos enxames.

Por isso, acompanhar as previsões meteorológicas passa a ser parte do manejo. Nas janelas de tempo firme, a recomendação é realizar inspeções para verificar a disponibilidade de alimento proteico, proveniente do pólen utilizado na alimentação das crias, e de alimento energético, representado pelo mel, consumido pelas abelhas adultas.

"Quando houver deficiência ou redução, é importante fornecer alimentação complementar para manter os enxames fortes. Para suprir a falta de proteína, pode ser utilizado o bife proteico, que substitui o pólen. Já para a alimentação energética, o apicultor pode recorrer ao xarope de açúcar, ao açúcar invertido ou ao açúcar VHP (Very High Polarization), açúcar bruto com teor de sacarose superior a 99%, cor dourada e menor umidade que outros açúcares escuros", explica o extensionista rural.

Valim ressalta que a alimentação complementar deve ser adotada com orientação técnica. Apicultores que ainda não possuem experiência nesse manejo devem buscar informações antes de iniciar o procedimento, evitando erros que possam comprometer o desenvolvimento das colônias.

As colmeias devem ser preparadas durante o inverno

Embora as orientações estejam voltadas para a primavera e o verão, a preparação dos enxames começa ainda no inverno. Colônias alimentadas de forma adequada, protegidas das baixas temperaturas e mantidas em boas condições sanitárias chegam mais fortalecidas para enfrentar os efeitos do excesso de chuva.

"Os enxames devem ser manejados durante o inverno. Colônias fortalecidas conseguem enfrentar melhor os períodos de instabilidade provocados pelo excesso de chuva e pelas demais condições associadas ao *El Niño*", afirma Valim.

Mais do que reagir às mudanças do clima, o planejamento permite reduzir riscos. O acompanhamento das previsões meteorológicas, a manutenção das colmeias, o monitoramento das reservas de alimento e a adoção de medidas preventivas contribuem para preservar a sanidade dos enxames e reduzir os impactos do *El Niño* sobre a atividade apícola.

MELIPONICULTURA GANHA ESPAÇO NO MEIO RURAL GAÚCHO

A criação de abelhas sem ferrão, conhecida como meliponicultura, está ligada à agricultura familiar e tem importância produtiva e ambiental. No Rio Grande do Sul, são registradas 24 espécies de abelhas nativas sem ferrão, entre elas a jataí, diferentes espécies de mirim, uruçu, mandaçaia, guaraipo, iraí, manduri e tubuna. No Brasil, são cerca de 250 espécies, com diferentes cores, tamanhos e características.

Além da produção de mel e outros produtos, as abelhas sem ferrão contribuem para a polinização de espécies nativas e cultivadas, desempenhando papel importante na reprodução das plantas, na produção agrícola e na manutenção da biodiversidade.

A meliponicultura vem despertando o interesse de agricultores familiares, meliponicultores, escolas, instituições e pessoas envolvidas com a conservação da biodiversidade. A diversidade de espécies encontradas no Estado também demonstra a importância de conhecer as características e necessidades das abelhas nativas para a criação e conservação das colônias.



Preparar enxames ainda no inverno torna-os fortes para a primavera e o verão

Quando a floresta e o gado convivem, a natureza toda agradece

ANIMAIS E FLORESTA DIVIDEM O MESMO ESPAÇO E O RESULTADO SURPREENDE A TODOS

CLEUZA NOAL BRUTTI

Produzir madeira e criar gado na mesma área parece uma combinação improvável. No entanto, produtores rurais da região Central do Rio Grande do Sul mostram que essa integração não apenas é possível, como também aumenta a renda da propriedade, melhora o bem-estar animal e gera benefícios ambientais.

No fim de julho, a Caravana Silvipastoril percorreu os municípios de Agudo, Dilermando de Aguiar, Nova Esperança do Sul e Jaguari para apresentar, na prática, como funciona esse modelo de produção. A iniciativa reuniu produtores, técnicos da Emater/RS-Ascar, Embrapa Florestas, Embrapa Pecuária Sul, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Unipampa e empresas ligadas à Rede Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (Rede ILPF).

Durante quatro dias, foram realizados três dias de campo e um seminário voltados à capacitação de extensionistas e profissionais da assistência técnica. Segundo o engenheiro florestal e extensionista rural da Emater/RS-Ascar, Gilmar Deponti, o principal objetivo foi ampliar o conhecimento técnico sobre o sistema silvipastoril. "O propósito foi capacitar os técnicos da Emater para que possam orientar os produtores sobre essa alternativa de produção", afirma.

Cleuza Noal Brutti/Divulgação Emater/RS-Ascar



Referência: atividade da Caravana Silvipastoril realizada na propriedade de Laurindo Bernardo Beling, em Linha dos Pomeranos, região serrana de Agudo

O engenheiro florestal Antônio Borba, integrante do Núcleo de Desenvolvimento Agropecuário da Gerência Técnica da Emater/RS-Ascar, destaca que a ação foi construída de forma conjunta entre instituições de pesquisa, universidades e empresas. "O foco foi mostrar a integração entre pecuária e floresta, que caracteriza o sistema silvipastoril", frisa.

Para Karina Gularte, representante da Rede ILPF, a caravana também representa uma oportunidade de atualização técnica. "É um momento importante para levar conhecimento tanto aos técnicos da Emater quanto às empresas associadas da Rede."

Para o gestor comercial da Timac Agro, Marco Antônio Scotto, compreender as particularidades do Rio Grande do Sul é indispensável. "Entender o sistema, principalmente diante dos desafios climáticos do Estado, é fundamental para levarmos conhecimento ao produtor rural."

Não existe fórmula pronta

O pesquisador da Embrapa Florestas, Vanderley Porfírio da Silva, reforça que o modelo exige compreensão dos princípios que orientam essa forma de uso da terra. "O sistema silvipastoril precisa que as pessoas conheçam os conceitos. Não é uma receita pronta e acabada. O técnico e o produtor rural precisam entender os conceitos que norteiam essa forma de usar a terra e aí aplicar", enfatizou o pesquisador.

MITOS E VERDADES. O EUCALIPTO SECA A ÁGUA DO SOLO?

Durante a caravana, pesquisadores aproveitaram para esclarecer um dos mitos mais conhecidos sobre o eucalipto. Segundo o pesquisador da UFSM Jorge de Farias, a ideia de que o eucalipto "seca" as nascentes ou funciona como uma bomba de água não encontra respaldo científico.

"Ao longo de décadas criou-se esse mito de que onde há eucalipto não existe água. Mas o eucalipto não é uma bomba de irrigação. Suas raízes não alcançam o lençol freático", enfatiza.

O pesquisador ressalta, porém, que isso não elimina a necessidade de planejamento ambiental. O ponto que merece atenção seria a biodiversidade, como, na prática, ocorre com toda e qualquer atividade produtiva. "O mais importante que eu gosto de destacar é que a gente tem sim que se preocupar é com a biodiversidade", disse Farias.

Maurício Medeiros/Divulgação Emater/RS-Ascar



Os especialistas transmitiram uma série de informações a técnicos de diversas instituições e também a produtores

Mais carbono no solo, menos gases de efeito estufa

Além da produção de madeira, o sistema também apresenta ganhos ambientais. Na propriedade de Dilermando de Aguiar, com sistema silvipastoril implantado há 13 anos, pesquisadores da UFSM concluíram que houve aumento expressivo no estoque de carbono do solo após a implantação do sistema silvipastoril.

O pesquisador Tiago Rocha, do Departamento de Solos (CCR) da UFSM, explica que foram comparadas áreas de campo nativo e de sistema silvipastoril. "No sistema implantado em 2013 encontramos cerca de 113 toneladas de carbono por hectare até um metro de profundidade, enquanto no campo nativo foram registradas aproximadamente 73 toneladas. Isso representa um aumento próximo de 50% no estoque de carbono em 13 anos."

Segundo o pesquisador, esse incremento contribui para reduzir a concentração de carbono na atmosfera e reforça o papel da agricultura na mitigação das mudanças climáticas.

UMA NOVA OPORTUNIDADE DE MERCADO

Além dos benefícios ambientais, plantar árvores também pode representar uma nova fonte de renda. O representante das empresas BSBios e B&8, Roberto Magnos Ferron, destaca que a indústria do biodiesel vem ampliando a demanda por biomassa florestal. As indústrias utilizam cavacos de eucalipto e pinus para geração de energia. É um mercado que cresce rapidamente e que exigirá milhares de hectares de novas florestas. Segundo ele, somente as 16 indústrias de biodiesel existentes no Rio Grande do Sul demandariam cerca de 16 mil metros cúbicos de madeira por dia.

"Para atender a toda essa necessidade seriam necessários aproximadamente 90 mil hectares de floresta. É uma oportunidade para pequenos, médios e grandes produtores transformarem a floresta em uma nova fonte de renda", salienta Ferron.

Fotos: Cleuza Noal Brutti/Divulgação Emater/RS-Ascar



O sistema revela suas vantagens na produção de madeira, no desenvolvimento da pastagem e no bem-estar animal

Produção e sustentabilidade lado a lado

Ao longo da caravana, pesquisadores, extensionistas e produtores chegaram a uma mesma conclusão: o sistema silvipastoril vai além do plantio de árvores em áreas de pecuária. Trata-se de uma estratégia de produção que alia diversificação da renda, conservação ambiental e adaptação às mudanças climáticas.

Sem fórmulas prontas, mas baseado em conhecimento técnico e planejamento, o modelo ganha espaço como uma alternativa para tornar a pecuária gaúcha mais resiliente, produtiva e sustentável.



Seu Laurindo Beling é um entusiasta do sistema siluipastoril e comemora os resultados em eucalipto e gado de corte



Daniel Comassetto, de Dilermando de Aguiar: "plantei pensando no futuro"



Carla Cogo, em Nova Esperança do Sul: projeto que foi iniciado por seu pai

A floresta como um patrimônio da família

Nas propriedades visitadas pela caravana, os benefícios aparecem também na experiência dos produtores. Em Dilermando de Aguiar, Daniel Comassetto conta que plantou eucalipto pensando no futuro das quatro filhas. "Era uma espécie de poupança verde para ajudar com faculdade, casamento e garantir uma reserva financeira."

Com o passar dos anos, outro benefício tornou-se evidente. "A floresta passou a proteger a propriedade do vento oeste, que antes destruía telhados com frequência. Depois da plantação, isso nunca mais aconteceu", conta o produtor.

Em Nova Esperança do Sul, Carla Cogo vê o projeto iniciado pelo pai, Ulisses Cogo, se transformar em realidade. "Quando ele plantou os eucaliptos, pensava no futuro dos filhos e dos netos. Hoje isso está se concretizando, a renda com os eucaliptos ajuda e agrega nossa família."

Já em Agudo, Laurindo Bernardo Beling resume o sentimento de quem convive diariamente com o sistema. "É o meu lazer. Tanto para os meus animais como para mim. Quando passeio por aí, me sinto feliz."

Pomares que geram emprego e renda

CITRICULTURA IMPULSIONA DESENVOLVIMENTO E FORTALECE AGRICULTURA FAMILIAR NOS VALES DOS RIOS APUAÊ E INHANDAVA

VANESSA ALMEIDA DE MORAES

Fotos: Marcos Galetti – Divulgação Emater/RS-Ascar



Família Odia, da Linha Pepino, em Paim Filho, apostou na citricultura como alternativa de renda, sucessão familiar e diversificação nas propriedades rurais

A citricultura vive um momento de expansão nos Vales dos Rios Apuaê e Inhandava e vem se consolidando como uma das principais alternativas para o desenvolvimento econômico e social da agricultura familiar no Nordeste Gaúcho. Com aproximadamente 500 hectares de pomares distribuídos entre os municípios de Paim Filho, Maximiliano de Almeida, São João da Urtiga, Cacique Doble, Sananduva, Barracão e Machadinho, a atividade ganha espaço pela capacidade de diversificar a produção, ampliar a renda das propriedades e estimular a permanência das famílias no meio rural.

Entre os municípios da região, Paim Filho desponta como uma das principais referências na produção de citros. Nos últimos cinco anos, a área cultivada passou de cerca de 46 hectares para aproximadamente 200 hectares de pomares implantados, crescimento impulsionado pela confiança dos produtores, pelo acompanhamento técnico da Emater/RS-Ascar e pelo interesse cada vez maior de agricultores em investir na atividade.

Os resultados também aparecem na produtividade. Os pomares do município alcançam índices entre 35 e 70 toneladas por hectare, desempenho considerado elevado e atribuído ao uso de mudas de qualidade, manejo adequado, assistência técnica permanente e às condições favoráveis de solo, clima e altitude.

Além do volume produzido, os citros cultivados na região apresentam características que agregam valor ao produto. De acordo com o extensionista rural da Emater/RS-Ascar em Paim Filho, Marcos Galetti, as condições naturais favorecem frutas de excelente coloração, elevada suculência e sabor marcante, resultado do equilíbrio entre açúcares e acidez. A combinação garante frutas doces, aromáticas e com boa aceitação pelos consumidores, fortalecendo a identidade da produção regional.

TRÊS GERAÇÕES NOS CITROS

A trajetória da família Odia, da Linha Pepino, em Paim Filho, traduz o potencial da atividade. O agricultor Everson Lucas Odia representa a terceira geração de produtores de citros da propriedade, onde a cultura começou há 39 anos, quando seu pai implantou os primeiros dois hectares de pomar de laranjas.

"Meu pai começou plantando quando eu tinha dois ou três anos. Ficamos alguns anos com uma área pequena, mas depois percebemos que a laranja tinha mais futuro. Aos poucos fomos substituindo áreas que eram destinadas ao pêssego e à ameixa e ampliamos os pomares cítricos", recorda. Hoje, a propriedade possui aproximadamente 14 hectares cultivados com sete variedades de laranja, entre cultivares precoces, de meia-estação e tardias, estratégia que permite escalonar a colheita e atender diferentes períodos de mercado.

Para Lucas, o retorno econômico da atividade explica o crescimento da citricultura na região. "Há dois anos conseguimos vender a laranja por R$ 2,00 o quilo. Com uma produtividade média de 40 toneladas por hectare, isso representa cerca de R$ 80 mil por hectare. Uma pequena propriedade de 15 ou 20 hectares pode alcançar uma renda equivalente à de uma lavoura de soja com 100 a 200 hectares", compara. Embora o cenário atual apresente preços menos favoráveis, ele destaca que a atividade continua sendo rentável. "No ano passado a média ficou em R$ 1,00 por quilo", conta.

Entre os principais desafios, Lucas cita a escassez de mão de obra. "Grande parte do trabalho é realizada pela própria família. Eu sou a terceira geração na propriedade e meus filhos já representam a quarta geração."

Para quem pretende investir na atividade, o produtor recomenda planejamento e diversificação. "Pode investir, mas é importante procurar orientação, analisar quais variedades estão sendo mais plantadas e diversificar entre cultivares precoces e tardias para aproveitar melhor o mercado", explica Lucas.

Tecnologia e assistência fazem a diferença

Marcos Galetti ressalta que os bons resultados alcançados pelos produtores estão diretamente ligados ao investimento em tecnologia e planejamento. "É fundamental utilizar mudas de qualidade, realizar análise e correção do solo antes do plantio e conduzir os pomares de forma tecnificada. Mesmo quando o preço não está tão favorável, uma boa produtividade ajuda a garantir o retorno econômico", afirma.

Além dos benefícios financeiros, Galetti destaca que a citricultura também contribui para a sustentabilidade ambiental. "Os pomares permanentes auxiliam na conservação do solo, reduzem processos erosivos, favorecem a infiltração da água e promovem maior sustentabilidade quando manejados de acordo com as boas práticas agrícolas."

Segundo ele, a expansão da atividade abre espaço também para novos investimentos na agroindustrialização, especialmente na produção de sucos e derivados, agregando valor à matéria-prima e fortalecendo a economia regional. "Investir na citricultura significa investir na geração de emprego, renda, sucessão familiar, desenvolvimento regional e valorização da agricultura familiar. O trabalho conjunto dos produtores, da Emater, das prefeituras e das instituições parceiras será decisivo para consolidar os Vales dos Rios Apuaê e Inhandava como referência na produção de citros de alta qualidade", avalia.



O FUTURO JÁ CAMINHA ENTRE OS POMARES

Na propriedade da família Odia, o futuro da citricultura parece estar sendo cultivado desde cedo. Elisa, de oito anos, filha de Everson Lucas Odia, já demonstra interesse pelos pomares. Sempre que não está na escola, gosta de acompanhar o pai na lavoura, caminhar entre as laranjeiras e colher a fruta diretamente do pé.

A cena simboliza um importante objetivo da expansão da citricultura na região: criar oportunidades para que as novas gerações encontrem no campo perspectivas de trabalho, renda e qualidade de vida, garantindo a continuidade das propriedades familiares e fortalecendo uma atividade que cresce ano após ano nos Vales dos Rios Apuaê e Inhandava.

Mais preparados para o que vier

ORIENTAÇÕES AJUDAM A PASSAR PELO EL NIÑO COM MENOS IMPACTOS

REJANE PALUDO

Um olho no céu, e outro no campo. Os efeitos do fenômeno *El Niño* já começam a ser sentidos na agricultura e deverão se agravar entre setembro deste ano e janeiro de 2027, quando o fenômeno deverá atingir uma intensidade muito forte, e a maioria das frutíferas estará em plena safra na Serra Gaúcha. Mas se a previsão indica desafios pela frente, o caminho é o planejamento.

As chuvas intensas podem levar embora parte do solo e dos nutrientes da planta, do sabor e da beleza das frutas e do lucro do produtor, que terá que gastar mais com tratamentos fitossanitários, e prejudicar o trabalho, não só dos agricultores, mas também das abelhas na polinização. As temperaturas acima da média durante o inverno bagunçam o ciclo das culturas, e a nebulosidade interfere no desenvolvimento das plantas e na sanidade e aparência dos frutos. Diante deste cenário, a Emater/RS-Ascar recomenda algumas estratégias para mitigar os impactos do *El Niño* severo na safra de frutíferas e olerícolas na Serra.

Principal espécie em colheita no inverno na região, os citros já foram afetados em alguns municípios pelo excesso de chuvas, granizo e ventos fortes. Conforme o extensionista rural da Emater/RS-Ascar Thompsson Didoné, nas regiões mais quentes já foi constatada a ocorrência da doença fúngica pinta-preta. Também ocorreram danos por granizo nas laranjas e bergamotas, problemas de trafegabilidade nos pomares, que dificultam a realização dos tratos culturais, e danos em estufas de morangos e olerícolas, ocasionando prejuízos. Já nas frutíferas caducifólias, nota-se a floração antecipada de pessegueiros e ameixeiras, o que requer um manejo preventivo; e um acúmulo de horas de frio abaixo do necessário para as macieiras, podendo afetar a brotação, a floração e a frutificação e, consequentemente, a produtividade.

"Então, tudo é de um planejamento importantíssimo este ano, que será de desafios para se produzir bem, com qualidade e com o menor custo possível", afirma Thompsson. Entre as orientações gerais estão a tomada de decisões baseada no acompanhamento das previsões emitidas por órgãos oficiais e o respeito ao Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc), a calibração de custos de insumos e padrão tecnológico de acordo com as margens reais de ganho da propriedade, a adoção das práticas recomendadas de manejo de solo e das culturas e a adesão a programas de seguro rural.

Fotos: Thompsson Didoné/Divulgação Emater/RS-Ascar



Chuva intensa pode levar embora parte do solo e dos nutrientes da planta, do sabor e da beleza das frutas e do lucro

MANEJO DE FRUTÍFERAS

As recomendações contemplam culturas como videira, macieira, citros e frutas de caroço. Uma das práticas essenciais é a manutenção da cobertura vegetal para proteção do solo, evitando a erosão e a perda de solo e favorecendo a infiltração de água. "Aumentando a nossa caixa d'água da propriedade, a vida do solo e formando um tapete para que os veículos possam transitar no pomar", enfatiza o extensionista rural.

Outro aspecto que não pode ser descuidado é o planejamento do manejo fitossanitário de inverno, com o uso das caldas sulfocálcica e bordalesa a fim de diminuir o inóculo dos fungos que podem causar doenças no período da primavera e verão. "É preciso estar atento ainda ao tratamento de doenças que atacam mais com o período de calor e umidade, como a antracnose, a escoriose, o míldio e as podridões, e que deve iniciar na floração. Outra medida é fazer uma boa avaliação da aplicação de Nitrogênio no solo, evitando adubações excessivas que favorecem o vigor vegetativo e aumentam a possibilidade de ocorrência de podridões", reforça Thompsson.

"Uma poda de inverno adequada, assim como a poda verde, a desfolha e o raleio de frutas também são obrigatórias neste ano, para que elas possam ter qualidade. Essas práticas aumentam a circulação de ar, secam mais a planta, reduzindo a probabilidade de ocorrência de doenças fúngicas. Então, o controle feito no manejo fitossanitário, consegue atingir o alvo", declara Thompsson.

Mas ele alerta que, como cada região é atingida de forma diferente pelas precipitações, não existe uma orientação única para todo o Estado, então cada situação merece uma avaliação de um profissional da assistência técnica.



O manejo fitossanitário durante o inverno é importante para os parreirais

OLERÍCOLAS TAMBÉM

Aumento das temperaturas médias e das precipitações e da umidade do ar e do solo tendem a causar mais doenças nas hortaliças. Além disso, por serem, em sua maioria, culturas com alta fragilidade quanto ao manejo, tendem a sofrer danos físicos pela incidência direta das precipitações. Recomenda-se o cultivo protegido de hortaliças; a seleção e adaptação de espécies e cultivares; sistemas biodiversos de cultivo (consórcio de plantas, diversificação das espécies, rotação de culturas, Sistemas Agroflorestais – SAF); plantio direto de hortaliças sobre a palha; manejo da irrigação e da drenagem das áreas de cultivo; manejo do solo com plantas de cobertura e adubações orgânicas; e cultivo orgânico de hortaliças.

JORNAL DA EMATER
A agricultura familiar em destaque – Parceria entre a Emater-RS/Ascar e a Editora Gazeta

EXPEDIENTE
EMATER-RS/ASCAR

Gustavo Paim
Secretário de Desenvolvimento Rural do RS

Márcio Madalena
Secretário de Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação do RS

Claudinei Moisés Baldissera
Presidente da Emater/RS
Superintendente Geral da Ascar

Mateus Soares da Rocha
Diretor Técnico da Emater/RS
Superintendente Técnico da Ascar

Alexandre Durans
Diretor Administrativo Emater/RS
Superintendente Administrativo da Ascar

Carina Venzo Cavalheiro
Gerente de Comunicação da Emater/RS-Ascar

Carine Massierer
Gerente Adjunta de Comunicação da Emater/RS-Ascar

EDITORA GAZETA

Rua Ramiro Barcelos, 1.224
CEP 96.810-900, Santa Cruz do Sul (RS)
Telefone: 0 55 (xx) 51 3715 7940
Fax: 0 55 (xx) 51 3715 7944
E-mail: redacao@editoragazeta.com.br
Site: editoragazeta.com.br

Editor: Romar Rudolfo Beling
Projeto gráfico e diagramação: Márcio Oliveira Machado
Arte de capa: Márcio Oliveira Machado
Arte-final, tabelas e gráficos: Márcio Oliveira Machado
Marketing: Suzi Montano e Jerusa Assmann
Distribuição: Editora Gazeta
Impressão: Gráfica da Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul (RS)
Tiragem: 15 mil exemplares.
DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA.

É permitida a reprodução de informações deste jornal, desde que citada a fonte.

Santa Cruz do Sul, setembro de 2026.

REPORTAGENS:
Adriane Bertoglio Rodrigues
Carine Massierer
Cleuza Noal Brutti
Deise A. Froelich
Elise Azambuja Souza
Fernanda Furtado Garcia
Fhabiana Credideu
Franchesco de Oliveira Y Castro
João Vicente Ribas
Marcela Buzatto
Mateus de Oliveira
Raquel Aguiar
Rejane Paludo
Taline Schneider
Vanessa Almeida de Moraes

(conjunto)

cmpc®

nosso futuro é aqui

Escolhemos o Rio Grande do Sul para plantar nossas raízes e construir um futuro sustentável junto com os gaúchos. Com **inovação, responsabilidade ambiental e apoio às comunidades**, promovemos o desenvolvimento de um amanhã mais verde para o Estado.

Venha conhecer a Casa da CMPC na Expointer, um espaço de interação, oportunidades, informações sobre a nossa atuação e brindes exclusivos.

Esperamos você!

O espaço está localizado na quadra M, em frente ao Simers, próximo ao estacionamento do portão 13.